

Palácio de Solano Lopez em Assunção. Tremula já no mastro a Bandeira Brasileira.

A MARINHA NO FINAL DE UMA CAMPANHA GLORIOSA

— De Humaitá a Assunção —

(Trabalho comemorativo do centenário
do término da Guerra do Paraguai)

Foram cinco anos de lutas sem conta: lutas contra todos os apocalipses. Fome, Peste, Guerra, Miséria... Mas vencemos pelo ardor, pelo direito. Vencemos porque Deus estava do nosso lado e do nosso lado estava a razão. Se Riachuelo decidira, de início, a luta; se Curupaiti, Humaitá e Angostura foram vitórias alcançadas sobre o desespero do déspota, do perdido, do vencido, Cerro-Corá foi o tiro de misericórdia naquela luta de cinco anos de inolvidáveis sacrifícios. Hosanas, pois, aos heróis de tôdas as partes neste centenário que lembra o fim triste de uma guerra que melhor seria não tivesse existido.

CMG (AM) Ref. LEVY SCAVARDA

Transpostas as fortificações de Humaitá, em 19 de fevereiro de 1868, pelas forças navais ao mando do Barão da Passagem, selava-se, mais uma vez, como já se havia feito em Riachuelo, em 11 de junho de 1865, o destino da guerra

contra o Paraguai. Solano Lopez, sem aquêle baluarte, não tinha como se sustentar. Prosseguir na luta, como o fez obstinadamente, em nome de um patriotismo inconseqüente, só teve *um fim*: sacrificar vidas e destruir a sua própria

Pátria. Melhor teria sido que houvesse deposto as armas com honra. A História, sem dúvida, e os próprios inimigos far-lhe-iam justiça merecida. Não há, porém, como negar o seu denôdo, assim, também, a sua obstinação, o que o tornou até num desalmado. Contudo, êle defendia uma causa, que era a da sua Pátria.

A nós, aqui, não nos interessa o julgamento do Ditador, mas a participação da nossa Marinha no final daquela guerra cruenta e de alentados e sublimes sacrifícios de todos os lados.

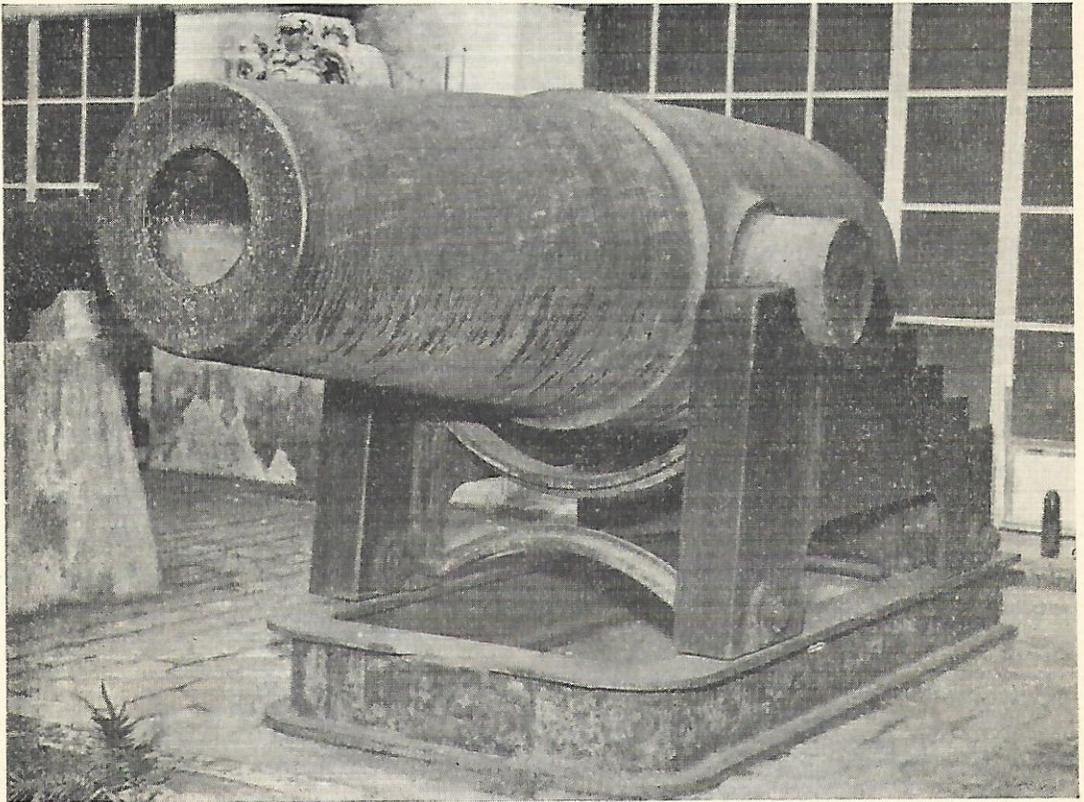
*
* *

A ação da Divisão, que avançou o Passo de Humaitá, iria permitir, em breve, a ocupação do recinto da fortaleza pelas tropas aliadas, ao mando do Marechal Caxias e, com ela, a derrocada final dos nossos inimigos ocasionais.

Eis o que dizia Caxias ao Ministro da Guerra ante o panorama que se lhe de-

senhava: “Tenciono estabelecer nova Base de Operações em Humaitá, fazendo para ali passar os depósitos, hospitais, repartições e tribunais, que até agora temos mantido na cidade de Corrientes, parecendo-me que esta minha deliberação, além de estratégica, é indubitavelmente econômica e política”.

Assim, se obtínhamos, em Humaitá, uma grande vitória; se, com ela, estava resolvido um difícil problema da guerra; se a Marinha Brasileira, em 19 de fevereiro de 1868, se tinha elevado à altura mais importante pelo seu feito memorável, antes que a contenda terminasse, muitas outras ações navais iriam transcorrer. Lopez continuaria na obstinação de vender caro a derrota. Sabia-se vencido, mas lutaria enquanto fôrças tivesse. Triste heroicidade... Seu objetivo de conquista, já desfeito, não justificaria o sacrifício, não da sua, mas da vida, pelo menos, dos seus compatriotas!



Canhão paraguaio feito com o bronze fundido dos sinos das igrejas de Assunção. Contém a inscrição: “El Cristiano — La Religion al Estado — 1867” (Museu Histórico Nacional).

Tendo os navios acima de Humaitá, Caxias determinou uma exploração do rio Paraguai. O que foi essa empreitada daí por diante, faremos, a seguir, uma resenha cronológica dos acontecimentos, depois de Humaitá, e por ela veremos que, não obstante já não ter praticamente navios inimigos para combater, ainda assim os nossos navios não ficaram inativos, em momento algum, até a vitória final para a qual eles foram fatores decisivos e indispensáveis.

FEVEREIRO, 1868

Dias 18 e 19

A Divisão Naval Brasileira ao mando do então Capitão-de-Mar-e-Guerra Delfim Carlos de Carvalho, força o Passo de Humaitá, debaixo de cerrado fogo da fortaleza, indo fundear em Tagi, depois de transpor o Timbó, cujas baterias também arremeteu.

Efetivamente o reduto de Timbó, à margem do Chaco, estava guarnecido, pois que repelira, a tiros, o *Colombo* e o *Pará*.

Dia 20

A Esquadra vai além, para mais segurança, chegando a Taií, onde fundeou.

Dia 21

Três navios brasileiros passam à frente do rio Tebicuari, em reconhecimento e caça ao Vapor paraguaio *Parabibe*, que consegue escapar, deixando, porém, entregue à própria sorte a chata *Angélica*, que foi incendiada.

Nesta ação foram encontrados os depósitos com que o inimigo abastecia o seu Exército, por Timbó e Humaitá. Destruíram, ainda, o telégrafo elétrico de que se utilizavam as forças inimigas nas povoações ribeirinhas, estas abandonadas ao seu próprio destino. Não foram elas molestadas porque eram pacíficas. Uma peça de 24, montada em carrêta, com seus pertences, ali deixada pelo inimigo, foi lançada ao rio.

Em Vila Franca, onde atingiram, encontraram os nossos navios, abundância de gado. Foram arrebanhados 150 car-

neiros, que se distribuíram para o rancho das guarnições. Por outro lado, tôda canoa e meios de transporte fluvial encontrados foram arrecadados. Os inservíveis foram destruídos e utilizados nas fornalhas dos vapores.

Dia 22

Ordenou o Govêrno do Paraguai a evacuação da cidade e Capital, Assunção, em vista da aproximação dos navios brasileiros.

Dia 24

Os navios brasileiros *Bahia*, *Barroso* e *Rio Grande do Sul*, êste conhecido como *Rio Grande*, às 9,00 horas achavam-se à frente de Assunção, bombardeando-a, por terem sido atacados. A propósito relatou o Chefe Delfim: "Fomos recebidos por uma fortaleza com tiros de peças, ao que pude presumir, de calibre 68. Castiguei-lhe a ousadia com um bombardeio pausado, durante duas horas, que cessei quando descobri, ao adiantar-me mais, as bandeiras americana, francesa e italiana, hasteadas nos respectivos consulados, naturalmente". Ao que acrescentava: "O fumo que se escapava do palácio de Lopez, onde metemos várias bombas, e a queda de vários projéteis no Arsenal, me fazem persuadir de que êsses dois estabelecimentos sofreram sérios estragos. No pôrto vimos apenas os Vapores *Paraguari* e *Rio Branco*, ambos a pique. Adquirimos a certeza de estar a cidade com pouca defesa, sendo fácil tomá-la por um desembarque em São Antônio, cerca de três léguas abaixo. A presença dos nossos encouraçados naquelas águas trouxe a vantagem de desenganar os crédulos, a quem Lopez fazia crer o seu Humaitá uma barreira insuperável para sempre; e, por outra parte, deve ter desalentado os mais ferrenhos sequazes do tirano. A Bandeira Brasileira ondulava senhoril, depois de tantas batalhas nas paragens em que o insulto a ela nos arrastou forçosamente à guerra atual".

Seu objetivo, cumprindo ordens de Caxias, era o de explorar o rio e sentir a potência e a disposição de luta do inimigo. Por isso, cumprida a missão, os



Sua Majestade o Imperador D. Pedro II, fardado de Voluntário da Pátria durante a Guerra do Paraguai (Litografia de Sisson).

navios brasileiros regressaram à sua base de operações, que, no momento, era o pôrto de Taíí. Nesse regresso, os nossos navios foram surpreendidos por descargas de fuzilaria junto à foz do Tebicuari, por emboscadas dos paraguaios, nesta altura, em desespero de causa, mas que foram logo afugentados.

MARÇO, 1868

Dias 1º e 2

Sabe-se que, não obstante os nossos navios terem cruzado o Passo de Humaitá, a fortaleza dêsse nome continuava e continuaria ainda por algum tempo, na posse do inimigo.

Na noite de 1º para 2, Lopez sai de Passo Pocu e estabelece o seu Quartel General na Fortaleza de Humaitá, cruzando nessa mesma noite o rio, na altura do Timbó. Tentava, com a sua presença ali, injetar ânimo no inimigo que compreendia estar perdido e já desmoralizado.

Nessa mesma ocasião, ardila mais uma das suas costumeiras emprêsas: prepara um assalto de surpresa aos Encouraçados *Lima Barros* e *Cabral* que estavam fundeados com outros navios, abaixo de Humaitá. Canoas, guarnecidas por soldados paraguaios escolhidos, saem do lugar denominado Carbon-Cué com a missão de abordarem e levarem a Lopez aquêles e outros navios brasileiros.

Vejamus a posição dos nossos navios, naquela ocasião, entre Humaitá e Curupaiti: "Em linha avançada, o *Lima Barros* (Capitão-de-Fragata Garcindo de Sá) e o *Cabral* (Capitão-Tenente Alves Nogueira); na pôpa dêste o *Silvado* (Capitão-Tenente Jerônimo Gonçalves) e o *Herval* (Capitão-Tenente Helvécio Pimentel); mais abaixo, na bôca do rio d'Oro, como repetidor de sinais, o *Mariz e Barros* (Capitão-Tenente Neto de Mendonça); no pôrto Eliziário, o *Brasil* (Capitão-Tenente Bernardino de Queiroz)".

Ouro Prêto descreve-nos assim êste episódio:

"As águas do Paraguai, batendo de continuo contra as margens, em muitos pontos pouco resistentes, delas destacam freqüentemente grandes pedaços de terreno cobertos de arvoredos ou macega, que flutuam à mercê da correnteza, até que se desfazem ao encontro das barrancas, nas voltas mais rápidas, ou pelo efeito da infiltração das mesmas nas águas, durante o percurso das imensas distâncias, que vencem tais blocos. *Camalotes*, chamam no país e essas errantes ilhas de efêmera existência, que mais numerosas se formam na época das grandes cheias. Dia e noite se vêem descer lentamente, às dezenas, pelos rios, ora numa direção, ora noutra, ao capricho das ondas. A reprodução do fato, que constantemente presenciavam, já não devia despertar a atenção dos encouraçados, fundeados ao alcance de Humaitá e bombardeando-a.

Ocorreu a Lopez aproveitar-se dessa circunstância e do fenômeno descrito, para engendrar o ardil de guerra, que pôs em prática na madrugada de 2 de março. Mandando escolher nos corpos do Exército e, principalmente, na sua própria guarda, 1 400 homens dos mais robustos e valentes e que melhor soubessem nadar, com êles formou sete companhias de duzentas praças, comandadas por um oficial.

Cada companhia devia embarcar em oito canoas e chalanas, jungidas duas a duas, mas formando um só grupo, disfarçado com ramagens e árvores, de forma e simularem *camalotes* na escuridão da noite. Destinavam-se a deslizar com a corrente, imprimindo-lhes silenciosamente os tripulantes, o rumo preciso, para que viessem cair sôbre a proa ou costado dos encouraçados e abordá-los, graças à pouca elevação do casco e à falta de amuradas ou trincheiras.

Já Hurrapeleta e Pereira, oficiais de Marinha e chefes da expedição, haviam tentado, em três noites consecutivas, surpreender adestarte o *Colombo* e o *Brasil*, surtos no Pôrto Eliziário. Para isso, porém, era preciso que saindo de Curupaiti, subissem o rio com grande esforço de remos, o que denunciaria o estratagem. Desistindo do propósito, transportaram-se a Humaitá para, na descida, mais facilmente executarem o engenhoso plano. Na madrugada do dia 2 de março, a posição que ocupavam os encouraçados era como já descrevemos acima.

Fazia o serviço de ronda, em escaler, o Guarda-Marinha José Roque da Silva, que cêrca de duas horas da manhã notou descender com regularidade e cadencialmente os *camalotes*, que tantas vêzes vira passar. Dirigindo para um dêles o escaler, de pronto descobriu o embuste e rapidamente volveu a dar alarme aos quatro primeiros navios, atracando em seguida ao *Lima Barros*.

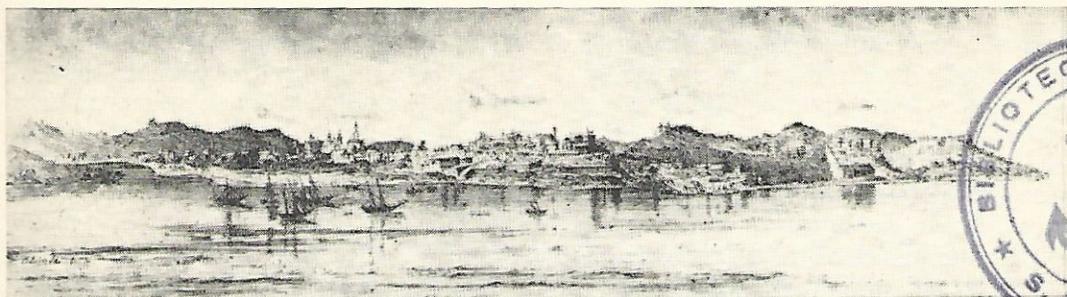
Não puderam os astuciosos inimigos conservar a ordem prescrita para o ataque; alguns grupos abalroaram entre si; outros desviaram-se, de forma que, só 14 canoas se acercaram do *Lima Barros* e 8 do *Cabral*. As demais, encaminhando-se para o *Silvado* e o *Herval*, decaí-



Fototipia Gruener

Bartolomeu Mitre

General Bartolomeu Mitre, Presidente da República Argentina (Fototipia Peuser).



A Capital do Paraguai em meados do século XIX.



ram com a correnteza, indo ter algumas ao Pôrto Elizário, junto ao Colombo e ao Lindóia. Poucos instantes depois de recolher-se o Guarda-Marinha Roque ao convés do *Lima Barros*, êste navio e o *Cabral* eram assaltados. As sentinelas de vigia e as praças da guarnição à tolda daquele, descarregando os fuzis, travam combate, braço-a-braço, com os paraguaios, todos nus, armados de pistolas, machados, sabres e facões de abordagem. Sucumbem ao número. O Comandante Garcindo e o Chefe da Divisão, Rodrigues da Costa, que ao receberem o aviso *in continenti* resolvem organizar a defesa no interior do encouraçado e se dirigem ao convés, para mandar as praças ali destacadas que se recolhessem, são envolvidos pelo inimigo. Desfecham os revólveres e batem-se valentemente a espada, procurando retirar-se para as tôrres. Trespasado de golpes, tomba o Capitão-de-Mar-e-Guerra Rodrigues da Costa; os paraguaios o mutilam, jarretando-lhe os tendões; ao expirar encontra forças para transmitir, através da escotilha, junto à qual caíra, o ordem de metralhar-se a tolda, que insistentemente reiterou com voz cada vez mais desfalecida. Mais feliz, o Comandante Garcindo consegue, graças à pequena estatura, penetrar pela portinhola de uma das tôrres, depois de desesperada defesa e gravemente ferido por tremendo talho, que quase lhe decepa o ombro.

Já abrigada, a tripulação fuzila os assaltantes por entre os interstícios e aberturas das seteiras e escotilhas, ou despeja-lhes metralha, quando o permitem as oscilações da turba, obedecendo assim ao moribundo Chefe. São os inimigos dizimados, mas não desanimam, antes pelejam com furor redobrado. Não

podendo penetrar nas tôrres, obstruídas as seteiras pelas bôcas dos canhões, tentam desordenada e loucamente, fendendo e lascando as rijas madeiras, a golpes de machado, abrir caminho para a coberta, a praça darmas, ou as máquinas, donde a morte lhes é arremessada. Medonhas cenas semelhantes reproduzem-se no *Cabral*, cuja oficialidade e guarnição combatem com igual valor.

Achava-se de prontidão o *Silvado*, cujo intrépido Comandante Gonçalves, ao ouvir o alarme, expede um escaler a prevenir o Almirante, desperta os fogos e vem, rapidamente, postar-se entre os dois navios abordados, varrendo-lhes as toldas com a metralha das suas peças. O *Herval*, que aprontara as máquinas com extraordinária celeridade, secunda a manobra do *Silvado* e por seu turno atira repetidamente, ora sôbre os conveses, ora sôbre as canoas que coalhavam o rio. Era uma carnificina horrível! Os dois inteligentes e destemidos Comandantes Gonçalves e Helvécio, exibem provas da maior habilidade para não ofenderem, de envolta com os adversários, àqueles mesmos a quem auxiliavam.

Logo que no Pôrto Elizário repercutiu o fragor da luta, o Vice-Almirante (Inhaúma), determinando que se preparasse o *Brasil*, aproou para o lugar do conflito tão prontamente, que cruzou à meia distância com o escaler do *Silvado*, portador do aviso de Gonçalves. Na passagem ordenou que o *Mariz e Barros* seguisse suas águas e chegou ainda a tempo de dar o último golpe no inimigo, mandando que o *Cabral* fôsse abordado pelo *Silvado*, o *Mariz e Barros* e o *Lima Barros* pelo *Herval* e o próprio navio que içava a insígnia do Comando. Cinco mi-

nutos depois já não restava paraguaio com vida nas duas toldas e jaziam na do *Cabral* trinta cadáveres e setenta e oito na do *Lima Barros*. Excedente do triplo, porém, foi a perda dos assaltantes, perecendo grande número nas canoas e chalanas, metidas a pique e muitos mais afogados no rio.

Ficaram prisioneiros quinze homens, entre os quais dois dos chefes da expedição, o Capitão Cespedes e o Tenente Donato Irala. Além da morte do Capitão-de-Mar-e-Guerra Rodrigues da Costa, que, por sua coragem, habilitações e caráter íntegro, era um dos ornamentos da Marinha, contaram os brasileiros a de oito praças, morrendo depois, em consequência dos ferimentos recebidos nessa ocasião, o Primeiro-Tenente João Wandenkolk. Foram gravemente feridos vinte e uma praças, o Capitão-de-Fragata Garcindo de Sá e os Capitães-Tenentes Foster Vidal e Alves Nogueira; levemente, trinta e uma praças, o Primeiro-Tenente Castro Rocha e o Guarda-Marinha José Carlos de Carvalho; contusos oito, compreendidos os Primeiros-Tenentes Vital de Oliveira (Otaviano) e Souza Pinto, Segundo-Tenente Rodrigo de Lamare e o Guarda-Marinha Barros Gandra". E assim, com êsse verdadeiro combate, terminou essa audaciosa escaramuça, em que fomos parte e mais uma vez, ofendidos inglôriamente pelos nossos valentes inimigos, que, segundo Thompson, tiveram mais de duzentos mortos, preço alto da sua ousadia.

Dia 3

Nova passagem de Curupaiti, ainda não abandonada pelo inimigo. Dêste episódio refere-se assim, Ouro Prêto: "Para reforçar a Segunda Divisão sob suas imediatas ordens, determinou o Vice-Almirante (Barão de Inhaúma) que a *Magé* (Comandante Capitão-de-Fragata Inácio da Fonseca) e *Beberibe* (Comandante Coelho Neto), dirigidas pelo Capitão-de-Mar-e-Guerra Afonso Lima, passassem à viva força Curupaiti, o que cumpriram pelas 02,00 horas da madrugada de 3 de março". Os navios, embora de madeira, transpuseram aquêlê balaarte, também considerado inexpugnável pelos paraguaios, quase incólumes.

A *Magé* foi atingida no seu costado, tendo uma praça ferida. Ao passo que a *Beberibe* nada sofreu. Ambas reuniram-se aos demais navios que se mantinham entre Curupaiti e Humaitá, num segundo bloqueio do rio.

Dia 8

A Divisão avançada, sob o comando do Capitão-de-Mar-e-Guerra Delfim Carlos de Carvalho, bombardeia uma nova fortificação paraguaia, denominada *Nuevo Establecimiento* (não confundir com o forte tomado por Caxias no dia 19 de fevereiro de 1868).

A função da Divisão avançada era, naquelas alturas a de policiamento, transporte e abastecimento de tropas, uma vez que as águas estavam totalmente dominadas. Já não havia navios a combater, salvo escaramuças da ordem de que relatamos anteriormente.

Neste dia 8, conta-nos Ouro Prêto, que o Chefe Delfim, saindo do Tagi com o *Bahia*, *Barroso*, *Pará* e *Rio Grande*, fundeu à noite junto à foz do Tebicuari. Na manhã seguinte ordenou um desembarque no Chaco, destruindo os depósitos ali existentes e tomando 17 chalanas. Arrecadaram-se, também, grande quantidade de ferramentas de sapa. Os navios foram divididos, segundo aquêlê historiador, em dois grupos, a saber: um, encarregado de guardar o Timbó e Laureles; e o outro, de bloquear a foz do Tebicuari. Evitavam-se, assim, as comunicações para Humaitá, que continuavam sendo a grande esperança de Lopez, na possibilidade de retê-las em suas mãos. Julgava com isto poder bloquear as duas Divisões brasileiras: as que estavam além e aquêl da fortaleza. Pura ilusão, em desespero de causa...

Dia 22

Começa neste dia a derrocada final. No dia anterior, o nosso Almirante viu que lavrava incêndio em Curupaiti. No dia seguinte o fogo era mais intenso. Nessa emergência, ordenou que a *Magé* e a *Beberibe* descessem o rio e reconhecessem a referida posição. O Comandante da *Beberibe*, verificando, pelo aspecto externo, que a posição estava de-

serta, desceu mais o rio, comunicando o fato ao Chefe Alvim e, em seguida, subiu-o novamente e desembarcou gente que ocupou a posição. Diz, a propósito, Ouro Prêto: "As baterias que tantos sacrifícios haviam custado à Aliança conservaram-se mudas (à passagem dos nossos navios, citados, de reconhecimento); a praça tinha sido evacuada e sobre seus bastiões hasteou o Capitão-Tenente Coelho Neto a Bandeira Brasileira.

Estava franca a navegação do Paraguai desde sua foz até Humaitá, que ainda resistia". Fatalmente chegaria a sua vez.

Para Curupaiti, depois, Caxias transferiria sua Base de Operações, onde aguardaria a queda de Humaitá para ali se estabelecer, como veremos adiante.

Ainda neste dia 22 de março de 1868, o já Barão da Passagem (CMG Delfim Carlos de Carvalho) força o *Nuevo Establecimiento*, no Chaco, e persegue os vapores que restavam da derrotada Esquadra Paraguaia: *Igurey*, que se havia ocultado em um arroio, e *Tacuary*, que fugiu, acolhendo-se às baterias de Humaitá, próximo às correntes, ambos consideravelmente deteriorados pelo fogo que lhes dirigiu. Salvos neste dia, diz Ouro Prêto, não escaparam à destruição no imediato: o *Bahia* e o *Pará*, avistando o *Tacuary*, ao norte da ilha do Araújo, deram-lhe caça: debalde procurou novamente livrar-se, entrando pelo estreito e tortuoso riacho Guaicuru, onde socorreu aos tiros daquele encouraçado. Igual sorte coube, pouco mais abaixo, ao *Igurey* sob os canhões do *Barroso* e do *Rio Grande do Sul*. O forte do Timbó tentou defender o navio, mas uma bomba do *Bahia* fez explodir o paiol das munições e incendiou os demais depósitos".

Êstes sucessivos reveses e a tomada das trincheiras de *Sauce*, pelo General Argolo no dia 20, completaram o cerco de ferro que obrigou o Ditador a decidir-se pelo abandono de todas as posições avançadas de Humaitá, a fim de concentrar-se nas suas esperanças que eram os muros fortificadíssimos da fortaleza. Vaga esperança, que pouco duraria, como nós conta a História.

Os sucessos dos Aliados até este dia conduzem o Ditador a estabelecer-se, nesta data, na *Vila Luque*, a segunda Capital do Paraguai.

Dia 24

Nôvo divertimento da nossa Divisão avançada, bombardeando a fortaleza de Humaitá, que já se ia tornando insustentável. O Ditador, à vista disso, determina se estabeleça nova linha de defesa na foz do Tebicuari, da qual se incumbiria o General Barrios, do Exército Paraguayo.

Dia 26

O General Bruges abandona Humaitá e vai reunir-se com o Ditador Lopez.

Dia 27

O General Resquin, com tropas paraguaias e petrechos de guerra, cruza o rio, no Chaco, deixando Humaitá a cargo do Coronel D. Paulino Alen. E, assim, termina o mês de março de 1868.

ABRIL, 1868

Êste mês foi mais de expectativa. Apenas no dia 10 é feito um reconhecimento à Humaitá para provocar a sua reação. Às 09,00 horas desse dia, os navios do Chefe Alvim (*Brasil*, *Lima Barros*, *Cabral*, *Silvado*, *Herval*, *Mariz e Barros*, *Forte Coimbra* e *Pedro Afonso*) abrem fogo contra a fortaleza, que lhe responde com agressividade.

MAIO, 1868

A ocupação de Curupaiti trouxe, de logo, como consequência favorável aos Aliados, além das vantagens estratégicas pressagiadoras da derrocada final do Ditador, a reunião de todos os navios que, em maior número, secundariam o bombardeio contra Humaitá, ferindo-a sempre com mais violência, como se fazia necessário. Outra vantagem da reunião dos navios era facilitar as comunicações e suprimentos às forças terrestres, dando-lhes, por outro lado, maior

cobertura e proteção nas atividades ribeirinhas.

A êsse respeito escreveu Ouro Preto, um dos mais bem informados historiadores da Guerra do Paraguai, por isso mesmo que a viveu e a dirigiu, politicamente, no setor naval, como Ministro da Marinha que foi, num dos períodos daquele conflito: "...Facilitaram-se as comunicações e suprimentos das diversas fôrças entre si, de modo tal, que instantaneamente, por meio de fios telegráficos, podia o Comando-em-Chefe pôr em ação conjunta, todos os elementos de que dispunha, tanto terrestres como fluviais. Uma única fração se distanciava das demais, a Esquadilha da vanguarda, às ordens do Barão da Passagem, e essa mesma, quando se afastava do Tagi.

Só uma abertura se oferecia aos paraguaios, para saírem do círculo de ferro e fogo, que se ia estreitando: a península do *Chaco*, em face da fortaleza, dominada pelas suas baterias, especialmente as de *Londres* e *Cadena*, e cobertas de mataria densa".

Essa saída, porém, não salvaria o Ditador dos tropeços finais e, isto, êle, melhor do que ninguém, já o havia compreendido. Muda, então, o seu Quartel-General, de Passo Pocu para as barrancas do rio Tebicuari, as quais tratou de fortificar.

"Dêste ponto, com escala por Timbó e a península, estava em comunicações com Humaitá, onde deixara guarnição suficiente com o Coronel Alen e o Tenente-Coronel Martínez, ambos de sua imediata confiança". E assim entrava-se no mês de maio.

De 1º a 8

Argentino Rossani, um dos bons cronologistas da Guerra do Paraguai, faz, naquele período, o seguinte destaque:

"Fuerzas argentinas al mando del Col. Rivas salen de Curupaiti enbarcadas hacia el Chaco desenbarcando arriba del Riacho de Oro.

Fuerzas brasileñas al mando del Col. Barros Falcão, se enbarcan en Tayi, para el Chaco desenbarcando abajo de Isla Arazá".

...Era mais uma ação, esta da Esquadra, transportando fôrças para a margem direita. Isto porque o Generalíssimo Caxias, prevendo que a guarnição de Humaitá tentaria "pôr-se a salvo, quando pressentisse o golpe decisivo, que êle lhe preparara, ordenou que fôssem ocupá-la (a península ali existente) 1 600 brasileiros e 1 200 argentinos, aquêles sob as ordens do Coronel Barros Falcão e os nossos aliados sob as do General Rivas, incumbido de dirigir a expedição. O desembarque, efetuado e protegido peia Divisão avançada, realizou-se prontamente, em dois pontos, no dia 1º de maio, não obstante enérgica resistência dos paraguaios, que, contando com a operação, se emboscaram na mata, defendidos por fossos e trincheiras".

Ouro Preto, para mostrar a importância desta operação, começa descrevendo a paisagem para onde se transferiram as fôrças aliadas, transportadas pelos nossos navios e fá-lo assim: "...Se o solo da margem esquerda do Paraguai em que até então se havia pelejado era desconhecido e cheio de embaraços naturais, muito mais o do Chaco, coberto de florestas virgens, esteiros, lagoas e, em tôda a extensão alagadiço. Foi abrindo a machado estreitas picadas, e progredindo passo a passo, ou atravessando banhados, com água pelos peitos, que as duas colunas, cada qual por seu lado, conseguiram chegar a um centro de convergência e aí se abarracaram, desbravando o terreno em volta e entrincheirando-se a fim de não serem surpreendidos pelo inimigo, talvez oculto poucos passos adiante. Só pouco a pouco, por meio de fatigantes e arriscadas explorações, freqüentemente à viva fôrça, puderam os chefes orientar-se e estudar a posição para se utilizarem do partido que proporcionasse e se acautelarem contra perigos iminentes. Descubrem-se, assim, nas imediações do acampamento, uma lagoa, na qual, para melhor defesa dêle, colocaram-se chatas artilhadas. Dois monitores, ancorados no rio, em pontos correspondentes aos extremos do abarracamento, o apoiariam, na eventualidade de um ataque de flanco.

Os demais navios da Esquadilha faziam o serviço de transporte de víveres,

munições e feridos, prontos sempre a entrar em ação. Eficacíssimo concurso prestou essa Esquadriha à expedição do Chaco, tanto tempo antes sugerida pelo Vice-Almirante (Inhaúma). Seu auxílio contribuiu poderosamente para as repulsas e avultadas perdas que sofreram os inimigos nos terríveis acontecimentos, que fizeram, ou receberam nos dias 2 a 8 de maio, durante os quais quase ininterruptamente se combateu naquela agreste região.

A importância da posição e o mal que de sua ocupação provinha aos paraguaios, os levaram a canhoneá-la com maior vigor do que o faziam contra os outros pontos, guarnecidos pelos Exércitos Aliados, que não cessavam de incomodá-los já das baterias, já surpreendendo e destroçando os destacamentos ou piquetes, que se animavam a transpor as muralhas da fortaleza", que ali estavam encurralados até a rendição final, que se avizinhava.

Dia 10

A Divisão avançada da Esquadra Brasileira sai neste dia de Taíí em missão de reconhecimento e de preparação de expedição ao rio Tebicuari, chegando a Pilar, donde regressou a seu fundeadoiro, com o que encerravam-se as atividades navais de guerra, no mês de maio.

JUNHO, 1868

Dia 4

Sai do acampamento aliado, por ordem do Generalissimo Caxias, uma coluna expedicionária de exploração do rio Tebicuari sob o comando do General João Manoel Mena Barreto.

Dia 5 ao dia 10

Graduando a navegação com a marcha daquela coluna, para protegê-la, o Barão da Passagem, com o *Bahia, Alagoas, Barroso* e *Rio Grande do Sul*, deixa, às 06,00 horas do dia 5, o fundeadoiro do Taíí, indo rio acima até à embocadura do Tebicuari e, por êle adentro, alcançou S. Fernando. Diz Ouro

Prêto: "A foz e a margem esquerda até àquele ponto estavam entrincheiradas e artilhadas, havendo demais um reduto e comêço de estacada no rio". A exploração realizou-se até à foz do rio sem que os nossos navios fôsem molestados. Às 17,00 horas do mesmo dia, porém, os nossos navios fundearam abaixo da mesma foz, à vista de "novas e importantes fortificações do rio Paraguai". À noite, o Barão da Passagem mandou bombardear as fortificações e, ao amanhecer do dia 6, suspendeu com a Divisão para reconhecê-las. O inimigo rompeu fogo logo que os navios se aproximaram. Feito o reconhecimento, a Divisão bombardeou as fortificações ativamente, até às 09,00 horas do dia seguinte, quando desceu o rio, chegando a Taíí às 15,30 horas do dia 10 de junho. Estava finda essa missão e com ela nada mais houve de importante nesse mês.

JULHO, 1868

Julho, sim, foi, por assim dizer, um mês decisivo na Campanha do Paraguai e fatídico para as hostes do Ditador. Se não, vejamos:

Dia 9

Argentino Rossani, referindo-se aos fatos dêste dia, anuncia-os simplesmente com estas palavras, que mal expressavam a perda de um homem de caráter, embora fôsse um modesto oficial do quadro de pilotos (o Comandante do *Rio Grande*, Capitão-Tenente Antônio Joaquim): "Salen del rio Bermejo doce canoas paraguayas para llevar un asalto a los ancorizados *Barroso* y *Rio Grande* lo que realizan matando al Cap. del *Rio Grande*, Antônio Joaquim; siendo luego dispersas".

Foi esta mais uma das infrutíferas ações diabólicas de abordagem concebidas pelo Ditador.

Sabendo êle que nas imediações do pôrto de Taíí se encontravam apenas o Encouraçado *Barroso* e o Monitor *Rio Grande*, comandados, respectivamente, pelo Capitão-de-Fragata Silveira da Mota e pelo Pilôto, Capitão-Tenente Antônio Joaquim, empreendeu "mandá-los tomar de abordagem não escarmen-

tado com o desastre de 22 de março. Na noite de 9 para 10 de julho, diz Ouro Preto, numerosas canoas cheias de gente, saíram do rio Vermelho, costearam a ilha de Monterita e encobrindo-se com um grande grupo de ervas aquáticas, à pequena distância dos dois navios, os atacaram repentinamente sem que todavia pudessem surpreendê-los. Lobrigou-as o Segundo-Tenente Araújo Neves, Oficial de Quarto no *Barroso* e, ato contínuo, chamou a guarnição a postos. Acudindo ao ruído das armas, Silveira da Mota dispôs a defesa, mandando romper sôbre os assaltantes fogo de fuzilaria das portinholas de vante da bateria e da parte superior da casamata, onde se postaram praças do Batalhão Naval e cabos marinheiros. Reservou com imperturbável sangue-frio a muralha de que estavam carregadas as peças, para quando o inimigo se aglomerasse no convés e, empregando-a oportunamente, limpou o lado da proa, em que primeiro haviam saltado. Além das armas brancas, fuzis e pistolas, os paraguaios vieram apercebidos de foguetes à *congrèves* e de tubos de bronze, contendo matéria inflamável e asfíxiante, que pelos interstícios dos xadrezes dos óculos e das escotilhas, lançavam no interior do navio, onde produziam incêndios, felizmente extintos. Desanimados de que algo pudessem conseguir da parte de vante da casamata, retomaram os que sobreviviam as canoas e, reforçados por novos contingentes, deram segundo assalto à ré, sendo igualmente repelidos. Já nesse momento funcionava a máquina para trás, o que fez emborcarem quase tôdas as canoas. Saiu então o bravo Comandante à tolda, à frente de alguns oficiais e marinhagem e aí foram mortos os abordantes, que restavam.

“Algumas canoas que se desprenderam do *Barroso* vogaram para o *Rio Grande do Sul*, que ancorado à pôpa daquele, levantara ferro e se aproximara do combate. Abordando numeroso troço o raso convés do monitor fez-lhe frente, à descoberto o corajoso Capitão-Tenente Antônio Joaquim, que se bateu até desaparecer, sepultado provávelmente nas águas em que tantas vêzes se enobrecera por atos de inexcedível valor.”

Nada mais puderam alcançar os inimigos, poucos momentos depois destracados pela guarnição e pelas descargas do *Barroso*. A expedição paraguaia fôra completamente aniquilada. Na tolda do *Barroso* jaziam 42 cadáveres paraguaios.

Perdemos o valente e heróico Comandante do *Rio Grande*. Foram feridos o distinto Prático Etchbarne e quatro praças.

Na sua Ordem-do-dia sôbre êste acontecimento o Comandante-Chefe da nossa Esquadra, Visconde de Inhaúma, assim a concluía: “Não terminarei sem pagar um tributo de saudade à memória do glorioso Capitão-Tenente Antônio Joaquim. Era o tipo da honra, da bravura e do verdadeiro marinheiro. Ninguém está mais habilitado a proclamar esta verdade do que o irmão mais velho do infeliz Comandante da Corveta *Isabel*. (Esta Corveta naufragou em 11 de novembro de 1860, no cabo Espartel, perecendo o seu comandante, Capitão-Tenente Bento José de Carvalho, irmão mais moço do Visconde de Inhaúma.)

Recomendo aos Imperiais Marinheiros que tomem por modêlo do seu comportamento aquêle que da simples classe de grumete soube, por suas heróicas e estimáveis qualidades, elevar-se ao alto pôsto de oficial-superior da Armada. Se a Marinha da Mãe-Pátria possuía os seus mestres Mateus, Santa Rita e Laranja, também a jovem Marinha Brasileira pode dizer com orgulho: nós tivemos um Antônio Joaquim” (vide, do autor: “O Centenário da Passagem do Humaitá”).

Dia 16

O Comandante-Chefe das Operações de Guerra, Marquês de Caxias, dispõe-se ao assalto a Humaitá, de que se incumbiria o General Osório.

Nesta emergência coube à Esquadra prestar valioso auxílio por ocasião do reconhecimento efetuado pelo Exército às trincheiras daquela fortaleza, no dia acima indicado, quando o “Visconde de Herval afrontou a artilharia e fuzilaria inimigas, chegando até o fôssô e aí se metendo a peito descoberto”.

Pôsto que não recebesse aviso do movimento, esclarece Ouro Preto, o Vice-

-Almirante, ouvindo o bombardeio de terra, ordenou que se ativassem os fogos de todos os vapôres, os quais ocupando posições convenientes abriram canhoneio sôbre a fortaleza. O *Lima Barros*, em que arvorou a insígnia o Chefe da respectiva Divisão, Capitão-de-Mar-e-Guerra Mamede Simões, aproximou-se das baterias, que metralhou enquanto durou o combate do Exército. "Não praticou impunemente a ousadia: duas praças da guarnição foram mortas, sete feridas e a bordo lavrou incêndio, que a tripulação abafou."

Dia 20

Naturalmente, para preparar o assédio à fortaleza de Humaitá, que continuava operando com relativo sucesso contra as fôrças aliadas, o Marquês de Caxias dirige-se ao Pôrto Eliziário para conferenciar com o Chefe da Esquadra, o Visconde de Inhaúma. Dessa conferência resultaria o reforçamento da Divisão avançada para apoiar as operações de terra planejadas pelo Marquês de Caxias. Daí a segunda Passagem de Humaitá, que descreveremos a seguir.

Dia 21

"Tres buques (diz Rossani) de la escuadra aliada, el *Piauhy*, *Cabral* y *Silvado* fuerzan el paso de Humaytá bombardeando la plaza y fortaleza, pasando luego a bombardear el Timbó."

Eram 04,30 horas do dia acima. Partem os Encouraçados *Cabral*, *Silvado* e o Monitor *Piauí* para a segunda Passagem do Humaitá. Forçam, com a mesma galhardia dos que os antecederam em 19 de fevereiro, o Passo, enfrentando as baterias e transpondo incólumes as cadeias que fechavam o rio. "Os navios quase não tiveram danos e suas guarnições nada sofreram".

Apóiam-nos, protegendo-os, com o seu fogo cruzado, a artilharia do Exército, e os Encouraçados *Lima Barros*, *Brasil*, *Mariz e Barros*, *Herval* e *Colombo*, que ficaram abaixo de Humaitá, sob o comando do Chefe-de-Divisão Tôrres e Alvim.

Às 05,30 horas da manhã estavam aquêles navios reunidos à Divisão comandada pelo Barão da Passagem.

Com êste esforço pôde aquêlo Comandante dar maior atividade à sua fôrça e no mesmo dia passou a hostilizar as baterias de Timbó, *Nuevo Establecimiento*, "as fortificações de Tebicuari e a melhor reconhecer êsse rio e suas margens, escolhidas por Lopez para nova base de operações. Fundeando junto à foz e ao alcance de tiro".

Dia 23

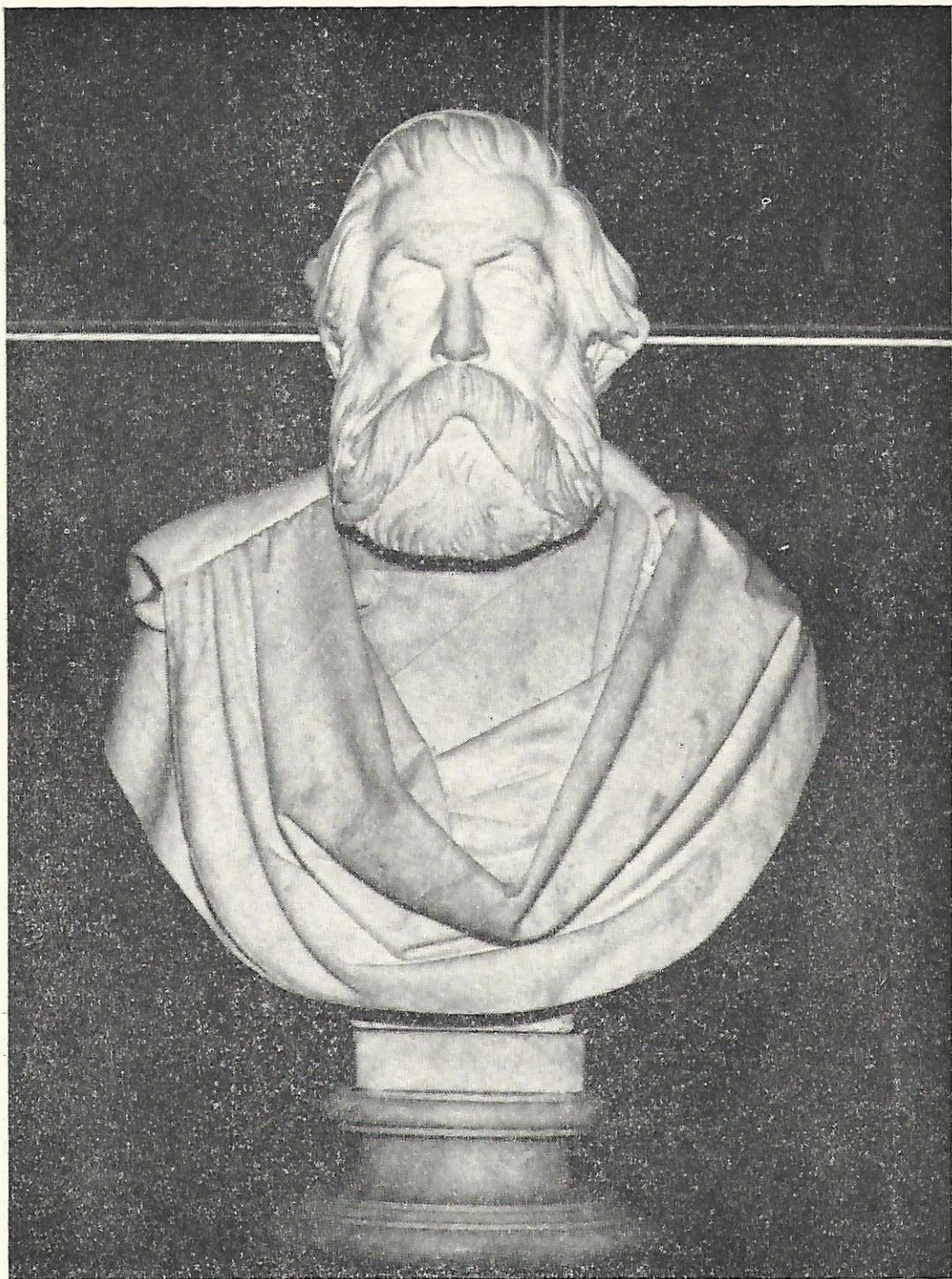
Na tarde dêste dia os navios suspendem e bombardeiam as baterias de terra na foz do rio e o Passo de São Fernando. O *Bahia* interna-se e atinge o local conhecido por Herradura (Ferradura). Nessa exploração descobrem dois navios paraguaios que o *Silvado* passou a hostilizar e do que resultou a morte do distinto Prático Segundo-Tenente Luís Repeto, o timoneiro e seu ajudante, todos do *Bahia*; passou para êste o Prático Picardo, do *Alagoas*, que já não tinha condições de navegabilidade por defeito no leme e que vinha atracado àquele encouraçado.

Ainda neste dia, informa Rossani, "por orden recebida hoy, las fuerzas paraguayas abandonan en parte la plaza de Humaytá durante la noche".

Dia 24

É ainda Rossani quem informa: "Onomastico del Mariscal Lopez, el cual es celebrado en San Fernando donde se hallaba con su estado mayor. Después de celebrado este dia de fiesta en Humaytá, esta fué abandonada silenciosamente durante la noche restando ahi muy poca gente".

Aqui, diz Ouro Prêto: "O terrível insucesso do ataque dos encouraçados, na madrugada de 10 de julho, o reconhecimento dos muros de Humaitá, no dia 16, e o forçamento dessa passagem, a 21, convenceram a Lopez de que não poderia sustentar muito tempo mais a famosa fortaleza. Para evitar as conseqüências de um assalto, ou rendimento à discricção, ordenou às suas tropas que a evacuassem, o que começou a realizar-se desde a noite de 22 de julho, por partida que, atravessando o rio em canoas, desembarcavam na península do Chaco,



General Venâncio Flôres, Presidente da República Oriental do Uruguai, o terceiro membro da Tríplíce Aliança (busto existente no Museu Histórico Nacional).

na parte ainda não ocupada pelos Aliados. Daí, procurando Timbó e Nôvo Estabelecimento, iam incorporar-se ao grosso do exército nos entrincheiramentos do Tebicuari”.

Dia 25

Este dia marcou a queda do reduto que, por tanto tempo, ajudou a manter o Ditador e o seu ideal de conquista. Esboroavam-se as muralhas da esperança, as muralhas e as correntes de Humaitá!

Ouro Preto assim relatou o fato:

“Na manhã de 25, todo o resto da guarnição e as famílias que a acompanhavam, em número de cerca de 4 000 pessoas, tinham efetuado a passagem, ficando a praça em abandono. Suspeitando-o, os Comandantes-em-Chefe do Exército e da Esquadra, pelos movimentos observados nos dias anteriores e ausência de piquetes avançados, aproximaram-se, fôrças terrestres e navais, e sem disparar um tiro, entraram no vasto recinto, convertido em escombro e ruínas. Tudo ali, muralhas, baterias, quartéis, depósitos, igreja, galpões e demais edifícios, apresentava os horrorosos efeitos de prolongado bombardeio. Não havia uma palhoça intacta, uma parede que não estivesse esburacada, ou a esboroar-se. É que sôbre aquêlê monumento de tirania, construído durante dezenas de anos, pesara por alguns meses o justo desfôrro de três nações gratuitamente ofendidas!”

Já não existia a fortaleza de Humaitá que passara, apenas, para a História, como parte de uma época triste da vida de povos que hoje, mercê de Deus, se estimam.

Dia 26

Informa Rossani que nesta data “se internan en la laguna del Chaco botes brasileños y lanchas para hostilizar las fuerzas paraguayas salidas de Humaitá”.

Sabe-se que a guarnição paraguaia que deixara Humaitá refugiara-se no Chaco e pretendia escapar, atravessando, em canoas, a lagoa Iberá. Para impedir essa fuga, Caxias mandou estabe-

lecer uma ronda na referida lagoa. Foi, assim, organizada, às pressas, uma flotilha de escaleres da Esquadra, sob o comando do Capitão-Tenente Francisco Romano Steple da Silva, para agir juntamente com canoas do Exército. Estabelecido o contato com os paraguaios, houve, na tarde dêste dia, um choque entre nove grandes canoas paraguaias com trinta homens cada uma, com três escaleres brasileiros; travada a luta, os nossos escaleres recuam para desimpedir o campo de tiro dos 29º e 32º Batalhões que postados nas margens da lagoa, atiraram sôbre as canoas, fazendo-as retroceder.

Dia 27

Neste dia libertam-se as águas do rio Paraguai das correntes que o *estrangulavam* e que embaraçavam a sua livre navegação. O ato de serrarem-se essas correntes foi solene, por ordem do Visconde de Inhaúma e do qual lavrou termo o auditor da Esquadra: “A cerimônia, que simbolizava um triunfo mais da civilização e do progresso, franqueando a todos os povos as águas do caudaloso rio, foi levada a efeito pelo representante da Marinha, o Capitão-de-Fragata Salgado (João Mendes) e pelo do Exército, o Tenente-Coronel Lima e Silva.

“Em conformidade do Tratado da Tríplice Aliança, depois de inventariado e arrecadado o imenso material de guerra ali em depósito, iniciou-se logo a demolição dos restos das fortificações que se erigiam como barreiras ao comércio e à navegação, ameaçando a soberania dos países limítrofes e ribeirinhos” (Ouro Preto, A Marinha d’Outr’ora).

Ainda neste dia 27 a esquadrilha que se achava abaixo de Humaitá, constituída dos navios *Lima Barros*, *Herval*, *Mariz e Barros* e *Colombo*, retiradas as correntes, sobem o rio acima indo juntar-se aos demais navios, no pôrto de Taíí.

Dia 31

“Veinte canoas paraguayas, diz Rossani, intentan el passage del rio Paraguay a la altura de Curupaity, siendo apresadas catorce después de una lucha

tenaz". Essas vinte canoas foram interceptadas pela linha de escaleres e canoas Aliadas. Houve grande mortandade, sendo posta a pique uma canoa e aprisionadas inúmeras (Rossani informa 14, como vimos). Perderam ainda os paraguaios mais de 60 homens e os brasileiros tiveram cinco fora de combate.

AGOSTO, 1868

De 1º a 6

Êstes primeiros cinco dias, juntando-se aos últimos quatro, de julho, caracterizaram-se pelo combate das canoas.

Comentando essa ação paraguaia, acentua o nosso informante Ouro Preto:

"Da guarnição e das famílias, que começaram a passar-se de Humaitá para o Chaco, perto, como se viu, de 4 000 pessoas, apenas alcançaram Timbó pouco mais de 600, na maior parte velhos, mulheres e crianças, dirigidos pelo Coronel Alen, gravemente ferido. As demais não lograram fugir, graças à vigilância das forças do Exército ali acampadas, que imediatamente tomavam-lhes tôdas as saídas, formando em tórno verdadeiro cêrco, completado na lagoa por uma esquadrilha de canoas, escaleres e chalanas, que para ali mandou o Vice-Almirante e estavam sob o comando do Primeiro-Tenente Steple da Silva.

Só por água poderiam os fugitivos salvar-se e o tentaram com heroísmo digno de melhor causa do que a do déspota por quem se sacrificavam. Encerrados, nas cercanias da lagoa, em pequena faixa de terreno, que de dia em dia, de hora em hora, mais restringia, dizimados incessantemente pelo fogo da artilharia e fuzilaria, os paraguaios, lutando com indomável coragem, precipitam-se à noite nas canoas, em que esperavam transportar-se ao ponto desejado. Poucos passos mais longe viam pela frente os pequenos vasos da vigilante esquadrilha, cruzando em tôdas as direções, ou dando-lhes caça. Travam-se combates sangrentos, a ferro frio, a fuzil, a revólver, de um bordo a outro das frágeis embarcações! Os próprios remos e croques eram armas terríveis. Quase tôdas as canoas paraguaias foram apresadas ou soçobraram; poucas regressaram ao ponto de partida e ainda

menos puderam ganhar distância e escapar, mesmo assim com tripulações diminuídas. Luta sem tréguas de nove dias e oito noites, desde 26 de julho a 5 de agosto!"

Nesta guerra de canoas, heróica sem dúvida, os paraguaios perderam mais de mil homens e os Aliados, combatendo-os, cêrca de quinhentos, inclusive o Coronel de Artilharia Antônio Carlos de Magalhães.

A guarnição retirante da fortaleza de Humaitá, que se havia refugiado no Chaco, acaba por se render por não suportar o assédio dos Exércitos Aliados e o implacável bombardeio da Esquadra. Eram 97 oficiais e 1 327 praças paraguaias comandados pelo Coronel Francisco Martinez. Essas forças estabeleceram-se na Isla Poi, na lagoa Verá e foram cercados por uma esquadrilha de escaleres e lanchas da Esquadra, comandada pelo Capitão-Tenente Steple da Silva, tendo sob suas ordens os Primeiros-Tenentes Luís Felipe de Saldanha da Gama, Júlio César de Noronha, José Pinto da Luz, Manoel José Alves Barbosa e Francisco Urbano da Silva; Segundo-Tenente José Porfírio de Souza Lôbo e os Guardas-Marinhas Rodrigo Nuno da Costa e Augusto de Andrade Valdetaro. As tropas paraguaias renderam-se depois de dez dias de resistência desesperada. Tivemos a lamentar a morte do Tenente Francisco Urbano da Silva e nove praças, além de 24 outras que saíram feridas. Encerrava-se, assim, o episódio Humaitá. A guerra, porém, continuava pela obstinação de Lopez e seus sequazes.

Dia 7

A posse de Humaitá permitia a Caxias se deslocar para êsse ponto, procurando, naturalmente, aproximar-se das novas posições de Lopez.

Reagrupa as suas forças, deixando alguns elementos na nova base para garanti-la e prepara-se para ir ao encontro do adversário que sabia, de há muito, achar-se ao norte de Tebicuari, sem ignorar que êle mantinha ainda tropas na margem direita, ocupando Timbó e "elementos avançados mais ao sul, nas vizinhanças do rio Guaicuru".

“Que devia fazer?” pergunta Tasso Fragoso. “Limpar primeiro essa margem até a altura da nova posição de Lopez no Tebicuari, ou deixar no flanco a posição inimiga existente na dita margem, a fim de que caísse por si mesma logo que o grosso do Exército Aliado ultrapassasse na outra margem?”

Completa Tasso Fragoso: “O primeiro pensamento de Caxias foi sem dúvida adotar aquela solução”.

Para isso vai, neste dia, ao Chaco e ordena que uma partida de 200 soldados verifique se o inimigo ocupa Corá. Essa partida, ao mando de Jacinto Machado, constata que o inimigo se havia retirado daquela localidade. Timbó, entretanto, continuava guarnecida, pois, repelira às provocações do *Colombo* e do *Pará* que haviam conhoneado aquela posição.

Caxias, em virtude desse fato, tomou providências para um próximo ataque à referida posição. Ordenou o preparo de uma coluna de 6 000 homens, sob o comando do Brigadeiro José Auto Guimarães, “que se dirigisse para Taií e ficasse pronta para seguir quer sobre o Timbó, quer sobre o Tebicuari”. Essa coluna, constituída de infantaria, artilharia, cavalaria e do trem de pontes, seria transportada pela Esquadra da margem esquerda onde se encontrava, para a margem direita.

Dia 8

Seria necessário, porém, resolver uma questão preliminar e essencial ao sucesso da empreza: “Qual o ponto em que deveriam desembarcar os Aliados na margem direita do Paraguai, a fim de atacar Timbó?”

Neste dia 8, Caxias embarcou em Taií a bordo do *Bahia* e foi examinar um local junto à foz do rio Vermelho, que Etchbarne já havia explorado e lhe informaram ser o melhor para um desembarque no Chaco. Caxias não julgou ser este o ponto ideal para o desembarque de tropas, escolhendo outro um pouco acima do Timbó.

Os dias que se seguem são de relativa inatividade para a Esquadra. Chega-se, porém, ao

Dia 16

Era o da marcha para o norte. Deixa Argolo em Humaitá defendendo o reduto e êle próprio, Caxias, à frente do 1º e 3º Corpos do nosso Exército e mais o Oriental, deslocam-se para a margem do Nhembucu na direção da Vila do Pilar que a ocuparia com a proteção dos navios sob o comando do Visconde de Inhaúma. De Humaitá suspendem os *Encouraçados Brasil, Cabral, Tamandaré* e *Colombo*, levando atracados, ao primeiro, o vapor de madeira *Princesa de Joinville*, com a insígnia do Comandante-Chefe; ao segundo, o transporte mercante *Alice*; ao terceiro, o *Guaicuru*, com duas chatas para condução de animais; ao quarto, o *Dezesseis de Abril*.

Forçam, a seguir, as baterias de Timbó, com ligeiros prejuízos. No Taií, Inhaúma ordena que a Esquadilha avançada do Barão da Passagem se una à sua Fôrça, e vai fundear no pôrto do Pilar.

“A consequência deste movimento da Esquadra consistiu (informa Ouro Prêto) no abandono do Timbó, que o inimigo evacuou no dia 22.”

Dia 17

Protegido pela Esquadra que se deslocava lentamente rio acima, Caxias fixou este dia para início da marcha ao norte, em direção de Palmas.

De 18 a 31

Segundo Ouro Prêto, à cooperação dos navios do comando do Barão da Passagem deveu o Exército muitos dos triunfos alcançados a 26 e 28 de agosto contra as fortificações do Tebicuari, a qual o inimigo foi obrigado a evacuar no dia 31, depois de ter sido desmontada, pelos monitores, a artilharia de suas trincheiras.

Acompanhemos, com o Marquês de Caxias, o desenvolvimento dos fatos ocorridos naquele período com o apoio direto da Esquadra: a 20, Caxias avista-se com o Almirante Inhaúma e combinam as ações conjuntas, necessárias para abreviar a queda final do inimigo, que já não tinha sossêgo em parte algu-

ma, principalmente depois da ruína de Humaitá em que ruíram suas últimas esperanças; a 22, Caxias tem notícia do abandono de Timbó, fato descoberto pelo *Lima Barros*, cujo Comandante desceu à terra para comprovar-lhe o abandono. Caxias, com êste conhecimento, determinou a partida de um monitor, com um contingente de engenharia, para arrasar as trincheiras, inutilizar as munições e arrecadar as peças; a 23, Caxias determinou se aliviasse a bagagem do Exército, embarcando-se nos transportes que tinham que acompanhar a marcha pelo rio. Seguiram nesses transportes e chatas rebocadas: “o trem de pontes, a tipografia, grande parte das munições de artilharia e infantaria”, canhões de sítio removidos de Taí etc.; dia 24, o grosso da Esquadra que havia ficado em Pilar, teve ordem de subir o rio no dia seguinte; a 26, protegido pela Esquadra, Caxias acampou no pôrto de Taquaras, no lugar denominado Mburicacaré; a 27 não há marcha, mas interrogatório de cinco prisioneiros que informaram a Caxias da retirada das tropas inimigas para Vileta; e que existia ainda fôrça em S. Fernando; a 28 a vanguarda do Exército, sempre protegido pela Esquadra, teve ordem de avançar até às proximidades do Tebicuari. Aí havia uma cabeça de ponte paraguaia que Caxias viu a necessidade de conquistá-la imediatamente, o que ocorreu com o desmonte da artilharia inimiga pelos nossos monitores, permitindo o assalto final da posição fortificada. O inimigo pouco resistiu aí, deixando no campo 165 mortos, sete oficiais prisioneiros e 74 praças, além de haver abandonado três canhões, muito armamento e munições, bois, carrêtas etc.

Tasso Fragoso descreve, dêste modo, a ação da Esquadra nesta parte da campanha: “Já vimos que precisamente no dia 26 de agosto a vanguarda de Caxias transpunha o Jacaré e recalcava os elementos paraguaios do Capitão Bado para a cabeça de ponte que cobria o Passo Real do Tebicuari, obra de que ela afinal se apoderava no dia 28, ficando assim senhora da margem esquerda do Tebicuari.

O problema que Caxias tinha agora a resolver era a passagem dêste rio, em

cuja confluência com o Paraguai existiam as baterias inimigas. É óbvio que a colaboração da Esquadra seria de grande valor nesta conjuntura. Caxias ordenou por isso que o Almirante fizesse entrar alguns navios no Tebicuari. No dia 29, penetraram nêles os monitores *Piauí*, *Pará* e *Rio Grande*”.

.....

“Os encouraçados (segundo Thompson, citado por Tasso Fragoso), acercaram-se da margem quanto puderam e rodearam a bateria quer pelo Tebicuari, quer pelo Paraguai, rompendo fogo de metralha. Esta situação prolongou-se de 26 a 28. Os encouraçados ficaram muito admirados ao verificar, na manhã seguinte (29), que seus hóspedes haviam desaparecido.

No dia 31 (continua Tasso Fragoso), o Barão da Passagem também penetrou no Tebicuari com o Encouraçado *Bahia* e os Monitores *Alagoas* e *Ceará*. Chegou até o Passo Real do Tebicuari e avisou-se com Caxias no acampamento da vanguarda. Conforme ordens recebidas, trouxeram a bordo o trem de pontes do Exército.”

“Os navios da Esquadra tinham explorado o rio e atacado a artilharia e uma trincheira que os paraguaios haviam levantado e ainda guarneciam, no outro lado do rio Tebicuari, em frente ao Passo Real. Dêste modo haviam conseguido desmontar uma peça e saltar uma ponte suspensa sôbre o fôssô da mesma trincheira.” (Do Diário de Caxias.)

SETEMBRO DE 1868

É o mês do forçamento de Angostura, o último reduto de importância neste final de luta.

O inglês Thompson, que estava a serviço de Lopez, citado por Tasso Fragoso, descreve, assim, a nova área em que vão se desenrolar os acontecimentos importantes e definitivos para o término da contenda: “Todo o território entre o Paraguai (rio), o Tebicuari (rio), a lagoa Ipoá e Angostura é completamente plano e cortado de muitos esteiros. Ao longo do Paraguai e do Tebicuari estende-se, ademais do carriçal, um mato es-

treito, também pantanoso, cuja largura varia de uma a três milhas e pela qual segue a estrada real; do outro lado, porém, desta faixa o país é inteiramente plano numa extensão de muitas léguas, sem uma única árvore, nem uma só colina". Aí Lopez se estabeleceu na esperança de poder resistir. Edificou casa, igreja, telégrafo, oficina com tornos vindos do Arsenal de Assunção para reparos de canhões etc. Referindo-se à igreja construída, salienta Thompson, que Lopez, de repente, se lhe deu a mania de meter-se nos templos, para lá se dirigindo todos os dias onde permanecia várias horas...

Lopez cobriu-se do lado do sul colocando uma vanguarda na estância Jacaré, quatro milhas ao sul do Tebicuari; no Passo Portilho também mantinha uma força de 400 homens para defendê-lo; havia uma guarda reforçada no Passo Recalde, algumas léguas acima do Tebicuari; para S. Fernando chamou as tropas que ainda tinha em Mato Grosso, deixando apenas um esquadrão de vigilância no rio Apa; depois de examinar o esteiro Poi, situado a três léguas ao Sul de Vileta, Lopez se decidiu pelo desaguadeiro Píkisiri.

Descreve-o Thompson, assim: "O Píkisiri demora uma légua ao norte do esteiro Poi; é o desaguadouro mais setentrional da lagoa Ipoá, donde parte em forma de esteiro, que diminui pouco a pouco, à medida que se aproxima do rio Paraguai; fica reduzido a uma estreita corrente ao penetrar na mata, cuja largura é aí de cerca de duas mil jardas, e lança-se no Paraguai em Angostura com cerca de 20 jardas de largo e grande profundidade.

Para defender o Píkisiri era necessário formar uma linha de seis milhas, visto que nessa extensão seria transponível, embora com grande dificuldade; só pelo caminho real lograria o inimigo apresentar-se. A posição não suscetível de ser contornada, a menos que não desse uma volta por Missões ou pelo Chaco, caso em que poderia ser acometida pela retaguarda. Angostura era o único lugar, numa extensão de muitas léguas, onde

seria possível estabelecer uma bateria fluvial, porque apresentava outra baranca côncava em forma de ferradura e a fortificação poderia ser levantada de maneira que servisse para flanquear as linhas terrestres. É verdade que o rio tinha 600 jardas de largura, mas esse inconveniente era remediável.

Nessa posição (continua Thompson), ficaria o Exército muito mais próximo da sua fonte de recursos; os parentes dos soldados poderiam levar-lhes mandioca, laranjas etc., etc., o que muito influía sobre a saúde e, por conseguinte, sobre o vigor da tropa.

Em vista disso, deu a Lopez parte de tudo, opinando ser o Píkisiri uma posição infinitamente superior ao Tebicuari. Ele então me enviou a Fortin para preparar a sua desocupação, deixando as baterias com o Major Moreno e levando consigo o Tenente Avaloso. As peças da bateria menor deveriam ser embarcadas imediatamente e levadas a Angostura. Fui de novo a Píkisiri traçar as baterias e dar ao Tenente Pereira, que ali devia comandar temporariamente, as instruções relativas ao trabalho. Quando regresssei para dar parte do início das obras, fui promovido a Tenente-Coronel. Lopez ofereceu-me uma espada. Na mesma tarde fêz-me regressar para comandar as tropas que teriam de ser enviadas ao Píkisiri, marcar-lhes o acampamento, situar a artilharia, terminar o traçado das trincheiras e baterias e apressar os trabalhos, pedindo eu ao Ministro da Guerra quanto fôsse necessário. Cabiame enfim ter tudo pronto para quando êle chegasse, arrastando consigo o inimigo em sua perseguição.

O grande canhão chamado *Criollo* foi trazido de Assunção, em vapor, e colocado na bateria da esquerda. Tôda a guarnição daquela praça e a respectiva artilharia vieram para Angostura."

Constatado o abandono de S. Fernando por homens do Barão de Triunfo, na noite de 31 de agosto para 1º de setembro, decidiui Caxias impedir que o inimigo levantasse obras avançadas de fortificação em Angostura, aproveitando a estreiteza do rio nesse ponto. Por isso

determinou que o Almirante fizesse uma Divisão de encouraçados subir o Paraguai para obstar a realização daquela idéia.

Inhaúma designou para a empresa os Encouraçados *Lima Barros*, *Silvado*, *Mariz e Barros* e *Herval* (2ª Divisão da Esquadra; Comandante: Capitão-de-Mar-e-Guerra Mamede Simões da Silva).

Dias 2 a 7

Saem aquêles navios no dia 2 da bôca do rio Tebicuari e chegam a Hermosa às 18,00 horas; às 06,00 horas do dia seguinte (3) zarpam, fundeando ao pôr do sol. Ao clarear do dia 4 continuam a navegação rio acima. Às 11,00 horas, o *Silvado* sofre avaria de máquina. O resto da Divisão vai fundear no lugar denominado Guarda Orange, quatro léguas abaixo de Vileta. Durante os dias 5 e 6 o *Silvado* submete-se aos reparos das máquinas. No dia 7 todos estão prontos e prosseguem viagem. O *Silvado*, cabeça de fila, ia à frente como esclarecedor, passando, incólume, por Itapiru. Às 08,20 horas, quando dobrava a ponta do Chaco que escondia as baterias de Angostura, recebeu de chôfre todo o fogo que elas lhe dirigiam. Era o forçamento de Angostura por um navio brasileiro, o *Silvado*, comandado pelo intrépido Capitão-de-Fragata José da Costa Azevedo (depois Almirante Barão de Ladário). Ouro Prêto, relatando êste episódio, conta-nos que “na impossibilidade de retroceder, por falta de espaço em que desse a volta e embora não tivesse autorização para forçar o Passo, deliberou fazê-lo o intrépido Comandante, subindo a todo o vapor, até que pudesse descer. Tornou-se assim o *Silvado* alvo, durante três quartos de hora, do fogo de duas linhas de baterias, estabelecidas nos dois lados do ângulo da aguda saliência, ou promontório, armadas de quinze canhões de 68, um de 150, raiado, e outros de menor calibre, servidos por numerosa guarnição. Muitas e sérias avarias ali recebeu; achava-se gravemente ferido o Imediato, Primeiro-Tenente Carlos de Noronha, ferido também o não menos distinto Primeiro-Tenente Antônio Pedro Alves de Barros, e contuso, o audaz Segundo-Tenente Carlos de Carvalho; mas

o *Silvado* não retrocede, porque pela frente se descortina fumaça, que bem poderá ser de navio inimigo, sôbre o qual irá arrojarse”.

Realmente, era o inimigo. Não um, mas três vapôres “que espertam as caldeiras, ao avistar o encouraçado pela pôpa da canhoneira americana *Wasp*, defronte Vileta”.

Com entusiasmo da guarnição, o Comandante Costa Azevedo manda que se acelerem as máquinas, resolvido a dar à Pátria novas glórias, apresando ou destruindo os navios paraguaios. Seguiu veloz o *Silvado*, mas encalhou de proa, a quatro braças distante daquela canhoneira (americana), por falta d'água no canal. Ao conseguir safar-se, já os vapôres iam a perder-se de vista, não lhes podendo fazer fogo o encouraçado, por achar-se o navio estrangeiro fundeado, de modo que, seria infalivelmente atingido, nem persegui-los, pelo receio de novos embaraços à navegação e porque as instruções o obrigavam a incorporar-se à Divisão. Voltou, pois, oferecendo pela segunda vez o costado às baterias de Angostura. O *Silvado*, ao final, recebera 30 balas na couraça, mas fizera um reconhecimento exato da fortaleza. No regresso, ao ver o *Silvado* tão castigado, o Almirante avança com o *Lima Barros* e ataca à jusante de Angostura para proteger aquêle navio. Recebe o Capitânia três balas: uma partiu a amarra que sustinha o ferro de bordo.

Por seu turno, o *Mariz e Barros* foi incumbido de atirar contra “uma multidão de carrêtas, que tinham sido vistas um pouco abaixo” em caminho para o acampamento inimigo.

“Mamede desceu o rio e foi fundear duas milhas abaixo das baterias.”

Dia 8

Caxias escreve a Osório e anuncia-lhe ter recebido correspondência do Rio de Janeiro e acrescentava: “Já ninguém mais me fala em paz. Tôdas as recomendações são para seguir para Assunção. Tão influídos ficaram com os últimos acontecimentos de Humaitá; portanto, vamos para adiante, meu amigo”.

E é o que ali se fazia: ir sempre adiante...

Dia 10

Inhaúma deixa Tebicuari com destino à Vila Franca, deixando na foz daquele rio o Capitão-de-Mar-e-Guerra Eliziário José Barbosa com os Vapôres *Beberibe*, *Greenhalgh* e *Araguari*. Este último tinha ordem de penetrar no Tebicuari e explorá-lo até onde fôsse possível.

Dia 11

Por seu turno, o Barão da Passagem deixa a foz daquele rio e “foi, no *Bahia*, juntar-se a Inhaúma em Vila Franca”.

Dia 13

Inhaúma, cumprindo ordens de Caxias, determinou que o Barão da Passagem fôsse reunir-se a Mamede Simões, levando consigo os Encouraçados *Bahia*, *Barroso* e *Tamandaré*, os Monitores *Alagoas*, *Piauí*, *Rio Grande* e *Ceará* e a Canhoneira *Henrique Dias*. “Deveriam operar juntos sôbre Vileta e hostilizar o inimigo o mais que lhe fôsse possível”. Antes, Caxias havia conferenciado com Inhaúma, para combinar o ponto de reunião do Exército com a Esquadra que o protegia, três dias depois, isto é, a 16 de setembro, uma vez que as fôrças terrestres tinham que se afastar da margem do rio para seguir o respectivo caminho. Foi aí que recebeu a parte de Mamede Simões sôbre o reconhecimento da Angostura “e que determinou a partida do Barão da Passagem para o reforçar”. Nesta oportunidade, Inhaúma leva ao conhecimento de Caxias a informação que obteve do Secretário da Legação inglesa, Mr. Gould, colhida do Ministro americano Washburu, que descia o rio na canhoneira *Wasp* com a família. Dessa informação, “o mais importante para a Aliança, informa Tasso Fragoso, era ter Lopez declarado que, se fôsse vencido em Vileta, se retiraria para as *Cordilheiras*, onde se poderia ainda sustentar por um ano, obrigando os Aliados aos maiores sacrifícios”.

Verdadeira e cruel obstinação...

Publicando, neste dia, um boletim em que relatava os últimos acontecimentos, os informes sôbre Lopez, acima referidos, e o ataque naval a Angostura, dizia o Marquês de Caxias:

“Que fará Lopez? Esperar-nos-á em Vileta, para onde marchamos, ou a esta hora terá também fugido como praticou no seu legendário Tebicuari? Em todo o caso, os Exércitos Aliados ocuparão dentro de poucos dias a Capital do Paraguai, e as emergências que se derem desenharão o caminho que têm de seguir os romeiros corajosos da glória, que com a maior abnegação e sofrendo sacrifícios que se não podem descrever, marcham para dotar um povo da América do Sul da liberdade de que é digno.”

Dia 14

A Esquadra encontra-se em Agatepé, onde, às 11,00 horas, Caxias conferencia com Inhaúma a bordo do Transporte *Princesa*. Esta conferência versou sôbre o ataque conjunto (Exército e Marinha) às novas posições inimigas, visando sobretudo as linhas de Píkisiri.

Dias 29 a 31

A 29, Caxias subiu o rio com o Almirante Inhaúma até perto de Angostura, para examinar esta posição do inimigo. “Observou a reprêsa que já lhe consta terem os paraguaios preparado na foz do Píkisiri, com o desígnio de inundar o terreno fronteiro às “suas fortificações de terra”. Nessa mesma ocasião executavam os encouraçados da vanguarda um bombardeio, a que o inimigo não respondia”. Daí nasceu a decisão de se realizar um mais completo reconhecimento às posições inimigas. “A operação far-se-ia dêste modo: a vanguarda e o Terceiro Corpo avançariam de frente; Osório ficaria encarregado de reconhecer com essa fôrça o centro e a direita da posição inimiga; o General Castro, tendo sob as suas ordens a Fôrça Oriental e a Brigada Paranhos, seguiria pelo flanco direito, e pelo caminho já explorado, avançaria o Coronel Silva Tavares com uma Brigada de Cavalaria, seguido de outra como apoio (Coronel Severiano Ribeiro de Almeida); o Primeiro Corpo (General Jacinto Machado) e a Quinta Divisão de Cavalaria (do Terceiro Corpo) ficariam de reserva; a Esquadra atiraria contra o flanco direito dos paraguaios”.

Passemos, agora, à atividade da Esquadra nessa batalha pela posse de Piki-siri, para desalojar as tropas inimigas: chegando ao Passo de Angostura às 04,30 horas do dia 30, o Barão da Passagem forçou aquêlê Passo com o *Bahia*, o *Silvado*, que já o fazia pela segunda vez, o *Tamandaré* e o *Barroso*. “Sua missão era proceder a um reconhecimento rio acima até Assunção e conservar-se à retaguarda da posição inimiga, onde aguardaria segunda ordem” (Jaceguai).

“O Capitão-de-Mar-e-Guerra Mamede Simões montou a ponta de Itapicuru com o *Piauí*, o *Rio Grande* e o *Ceará*; tomou depois posição e bombardeou as baterias de Angostura.

O Almirante, por sua vez, içou a sua insígnia no *Belmonte* e foi fundear junto à barreira próxima à ponte de Itapiru, de onde os seus vigias colocados nos mastros viam distintamente, e à próxima distância, todos os movimentos da nossa fôrça assaltante e os diversos acidentes do combate (Inhaúma). O *Cabral* e o *Colombo* postaram-se junto ao *Belmonte* e também fizeram fogo com os seus canhões.”

OUTUBRO DE 1868

Dia 1º

Aquela ação terminou às 16,00 horas dêste dia, quando Inhaúma regressou a Palmas com seus navios, menos a Divisão do Barão da Passagem.

Neste mesmo dia 1º, a Divisão do Barão da Passagem forçou o Passo de Angostura, fundeando rio acima às 16,25 horas.

Dias 2 a 5

Relata-nos Tasso Fragoso, apoiado nas informações de Jaceguai, o que fez a Divisão do Barão da Passagem: “Na manhã do dia seguinte (2), seguiu para Vileta e lançou ferro em frente a essa Vila, no canal do lado do Chaco. Os habitantes ficaram alarmados e abandonaram precípites as suas casas, embora não fôssem hostilizados. Aí se conservou a Divisão até 5. Na manhã seguinte (6), zarpou para Assunção, mas ao chegar

em frente à barranca de Santo Antônio, cêrca das 10,00 horas da manhã, o *Bahia* encalhou “apesar da perícia do seu prático” e só pôde ser safo às 13,00 horas. Notando o Barão da Passagem que o rio baixava e receando outro encalhe, voltou águas abaixo e foi de nôvo lançar ferro acima de Angostura. Comunicou-se com o Almirante por meio do *Silvado* “que por isso forçou de nôvo, no dia 8, as baterias de Angostura”. No dia 10 o *Lima Barros* e o *Alagoas* enfrentaram estas mesmas baterias em sentido inverso para se reunirem à “Divisão avançada do Barão da Passagem; no dia 15 procederam de modo idêntico, com o mesmo objetivo, o *Brasil*, o *Silvado*, o *Pará*, o *Ceará* e o *Rio Grande*”.

Preparava-se o golpe final que seria, de um lado o estrangulamento de Angostura com a queda do Piki-siri, de outro, a ocupação de Assunção.

De 15 a 31

Neste período a Esquadra fez diversos reconhecimentos a Piki-siri e provocações às baterias de Angostura, tendo ali o desembarque de tropas do Exército. Às 08,00 horas do dia 28 (escreve Inhaúma) mandou êste Capitão-de-Mar-e-Guerra (Mamede Simões) que os navios de sua Divisão não só bombardeassem o campo inimigo em tôdas as direções, mas também que metralhassem a mata que borda o rio e às 11,00 horas, quando descobriu a nossa fôrça do Exército, que se aproximava às trincheiras, fez suspender o Encouraçado *Cabral* e, mandando-o acercar-se da bateria de Angostura, aí se demorou êsse navio até depois das 14,30 horas, bombardeando e metralhando essa bateria, sendo acompanhado depois pelo Monitor *Piauí*, que por ordem do referido Capitão-de-Mar-e-Guerra para aí seguiu depois do meio-dia.

Às 14,30 horas foi Triunfo a bordo do *Herval* (Capitânia de Mamede Simões) e participou a êste que o reconhecimento estava terminado”.

NOVEMBRO DE 1868

Durante êste mês a Esquadra teve por missão auxiliar o Exército nas ativida-

des de exploração do rio e de desembarque da tropa.

Assim, no dia 4, o Generalíssimo foi ao Chaco e, em frente à Vileta, embarcou no Monitor *Rio Grande*, indo rio acima até Santo Antônio. Aí examinou cuidadosamente a margem direita “com o intuito de escolher o ponto mais apropriado ao desembarque do seu Exército. Pareceu-lhe ser Vileta o que mais vantagens apresentava”.

No dia 16, Osório embarcou uma força de 100 homens destinada a dar “um golpe de mão para aprisionar um piquete” paraguaio que constava estar à direita da posição inimiga. A força subiu rio acima e desembarcou na margem referida sem encontrar inimigos. Malogrou-se o golpe. “A Esquadra (informa Tasso Fragoso), havia procurado facilitá-lo, aproximando-se de Angostura e bombardeando-a”.

No dia 17, Caxias embarca no *Barroso*, conferenciando com o General Argolo e com o Barão da Passagem sobre as futuras operações.

No dia 20, Caxias embarcou no *Tamandaré* para observar o terreno da margem esquerda do rio. Não descobriu trincheiras inimigas. “Ordenou que o *Piauí*, navio mais chegado à margem esquerda, fizesse tiros para terra, a fim de “avaliar o alcance da artilharia. Combinou o modo porque deveria ser efetuado o desembarque e indicou os pontos mais adequados para isso”, nas imediações de Vileta.

No dia 21, o Encouraçado *Brasil* desceu o rio, forçando Angostura, “com o objetivo de vir buscar munições para a Divisão avançada e levar na subida o Almirante Inhaúma”.

No dia 26, o Almirante Inhaúma, no *Brasil*, força Angostura, acompanhado do *Cabral* e do *Piauí*. O *Cabral* levava amarrado ao costado, protegendo-os, um pequeno vapor e uma lancha. “No canal de Angostura fundeara o inimigo três chalanas com torpedos, que os navios brasileiros puderam evitar”.

Neste mesmo dia, “juntava-se Inhaúma ao Barão da Passagem. Seus três navios haviam recebido avarias importantes. Uma bomba de 150 incidira na parte anterior da casamata do *Brasil*, junto da fresta por onde se governa o na-

vio, causando a morte do práctico João Batista Pozzo e ferimento no Comandante, Capitão-de-Fragata João Mendes Salgado. Inhaúma avisou a Caxias que Vileta estava sendo fortificada”.

No dia 27, para dar o golpe sobre Angostura, Caxias instalou o seu Quartel-General no Chaco. Do pôrto de Canoas desceu de lancha até à foz do Vileta, instalando-se ao norte dêste arroio.

No dia 29, pela madrugada, o Barão da Passagem subiu o rio, por ordem de Caxias, indo até Assunção, levando consigo os Encouraçados *Bahia* e *Tamandaré* e os Monitores *Alagoas* e *Rio Grande*.

“Sua missão, (diz Tasso Fragoso), era atrair para êsse lado a atenção do inimigo, fazendo acreditar que seria ali o ponto do próximo desembarque. Às 11,00 horas do dia, a Divisão dava fundo em frente à Capital paraguaia. Ao aproximar-se, avistou de longe o Vapor paraguaio *Pirabebé*, que logo se pôs em fuga a tôda velocidade. Passagem (o Barão) lançou alguns projetis “principalmente sobre os edifícios públicos, que eram conhecidos pelas bandeiras que sobre êles hastearam os inimigos, e mui especialmente sobre o Arsenal e a bateria, que apenas dispara cinco tiros, os quais não ofenderam os navios. A bandeira paraguaia, que tremulava sobre o importante palácio do Presidente Lopez e um dos torreões do mesmo palácio, foram simultâneamente atirados por terra, ficando bastante estragado êsse edificio, o Arsenal, a Alfândega e o Estaleiro, onde se achava em construção um pequeno vapor, que sofreu danos bem visíveis” (da parte de Inhaúma).

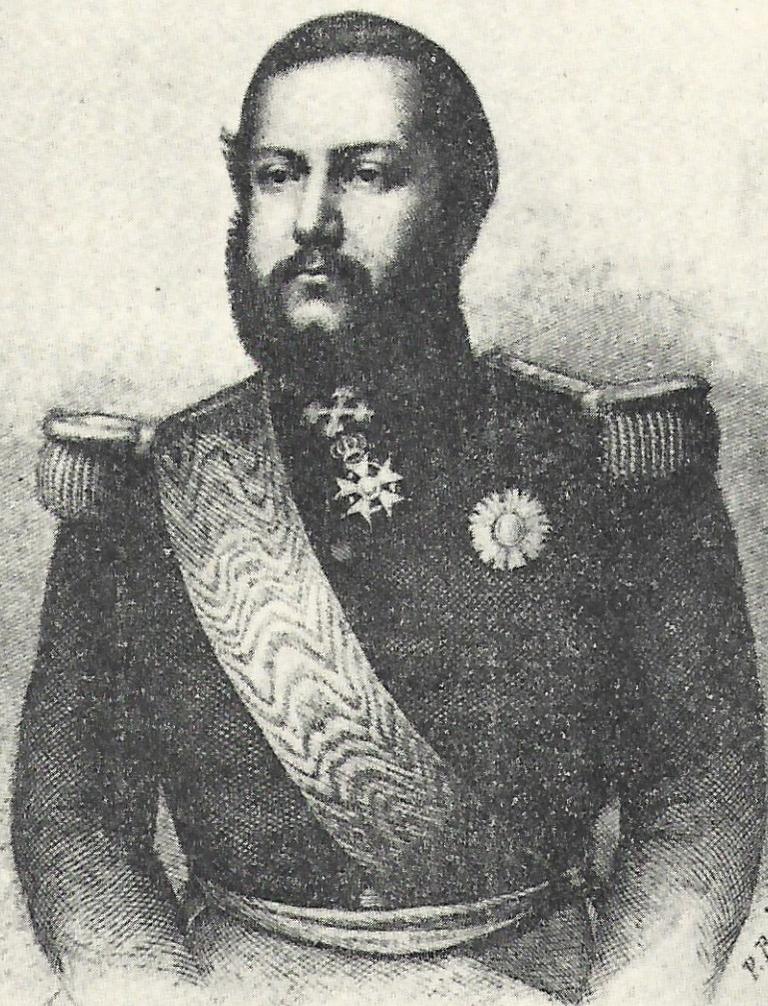
No dia 30, “Caxias punha a última demão aos seus preparativos”. Embarcou no *Brasil* e foi até perto de Lambaré. “Examinou os pontos mais convenientes ao desembarque e “fixou-os de combinação com o Almirante que o acompanhava nesta excursão” (do Diário de Caxias).

Findava-se, assim, o mês de novembro de 1868.

DEZEMBRO, 1868

Daquela combinação, entre Caxias e Inhaúma, do dia 30 do mês anterior, resultou a ação que começaria no dia 4,

vol. 3.^o



P. Barthelemy sc. Minchin

DON FRANCISCO S. LOPEZ
Général de Division et Président
de la République du Paraguay.

quando os navios designados para o transporte de tropas atracaram à barranca direita do Paraguai; às 20,30 horas dêste dia, começou o embarque das tropas; às 02,30 horas do dia 5, zarparam todos para Santo Antônio, três léguas aproximadas acima de Vileta e "outras tantas abaixo de Assunção". "Ali chegados, principiou-se o desembarque". Às 7 horas da manhã (escreveu em sua parte o Almirante) "tinham desembarcado oito mil praças de infantaria e dez bôcas de fogo e material respectivo".

Por todo o dia continuou o desembarque, descendo ao Chaco as embarcações que descarregavam e voltando sucessivamente com outros Corpos. Ao sol pôsto estavam em Santo Antônio umas 17 mil praças, entre as quais perto de mil de cavalaria, com seus competentes cavalos".

Foi, sem dúvida, um dos maiores transbordos de tropa em tôda a campanha do Paraguai feito pela nossa Esquadra. Por isso mesmo, vale a pena conhecer-se as instruções baixadas, a propósito, no dia 2 de dezembro, por Inhaúma, a seguir transcritas:

"1º No dia marcado para o embarque os senhores Comandantes terão as máquinas prontas às 7 horas da noite, recomendando aos engenheiros que conservem os fogos ocultos tanto quanto seja possível sem prejuízo das mesmas máquinas.

2º O *Bahia*, *Silvado*, *Lima Barros* e *Brasil* ficarão nos lugares em que estão, alando para a terra o mais que lhes seja possível, fazendo ponte de embarque quer com as pranchas, que já devem ter preparadas, quer com suas embarcações miúdas. Isto deve estar pronto com a devida antecedência e segurança.

3º O *Cabral* virá atracar à terra pela proa do *Brasil*, quando fôr determinado. O *Tamandaré* e o *Barroso* atracarão, aquêlo ao *Silvado*, êste ao *Lima Barros*, deixando só a posição em que se acham no dia de desembarque, depois de escurer.

4º O *Ceará*, o *Piauí* e o *Rio Grande* atracarão entre o *Bahia* e o *Silvado* à mesma hora em que vierem ao ponto o *Tamandaré* e o *Barroso*. Receberão arti-

lharia e todos os seus pertences, tanto em material como pessoal e barcas.

5º O *Pará* e o *Alagoas* continuam a bombardear Vileta até segunda ordem.

6º Cada navio receberá o número de praças que lhe é designado neste parágrafo, nada menos, porém para mais, se tiver acomodações: *Bahia*, 800; *Silvado*, 1.000; *Lima Barros*, 1.500; *Cabral*, 1.000; *Brasil*, 1.000; *Tamandaré*, 600; *Barroso*, 800; monitores, a guarnição de artilharia. As chatas e chalanas do Exército serão distribuídas, devendo para êsse fim entender-se previamente a autoridade militar que em terra dirige o embarque com S. Exa. o Sr. Barão da Passagem.

7º A ordem de marcha é a seguinte: *Tamandaré*, *Barroso*, *Bahia*, *Silvado*, *Cabral*, *Lima Barros* e *Brasil*. Três monitores pela pôpa.

8º Os escaleres e chalanas da Esquadra vão atracados, tendo dentro metade das guarnições, e seus oficiais.

Cada navio terá um oficial nomeado para dirigir as suas embarcações miúdas. O silêncio que o regimento provisional determina é muito e muito recomendado. Exige sangue frio e ordem.

A operação é a mais delicada que a Esquadra tem de fazer.

As âncoras e amarras devem ficar safas para dar-se fundo ou suspender prontamente sem prejuízo do serviço, sem molestar os passageiros. Os navios que não têm bordas substituí-la-ão por cabos ou tábuas com a devida segurança.

9º No ponto de desembarque os monitores aproximar-se-ão à terra o mais possível. O mesmo farão, mas em outra coluna, o *Tamandaré*, *Barroso*, *Bahia* e *Silvado*, atracados uns aos outros com cabos. O *Cabral*, *Lima Barros* e *Brasil* formarão uma outra coluna pela pôpa ou pela proa dêste, conforme o permitir o espaço e atracados pela mesma forma.

10º Se o rio tiver fundo bastante para que o navio que ficar mais próximo à terra lance sôbre ela uma ponte, assim o fará. Por cima dela passará a gente dos navios que lhe ficam por BB. No caso contrário o desembarque será operado nas embarcações miúdas dos navios, dirigidas pelos seus respectivos oficiais.

Peço aos Srs. chefes e oficiais do Exército não só façam com que seus subordinados guardem o maior silêncio e ordem, como que não se intrometam no serviço próprio de Marinha.

11º Concluído o desembarque, o *Brasil* e o *Lima Barros* tomam posição para protegerem o ponto. O *Tamandaré*, o *Barroso* e o *Silvado* descerão para atracar à barraça que lhes fôr indicada. Aí receberão a cavalaria e conduzirão em tantas viagens quantas forem precisas.

O Sr. Capitão-de-Fragata Costa Azevedo dirigirá êste serviço. As demais embarcações sob as ordens do Sr. Barão da Passagem descerão ao atual acampamento e continuarão a conduzir o Exército para o lugar do desembarque. Então o Exmo. Sr. Barão disporá como melhor entender os monitores que bombardeiam Vileta.

O Almirante fica a bordo do *Brasil*. Concluída a passagem do Exército, seguir-se-á a bagagem.

Bordo do Encouraçado *Brasil*, em frente a Vileta. (a) Visconde de Inhaúma.”

Dessa importante participação da Marinha, a maior neste final de guerra, sem a qual seria difícil bater-se o inimigo num dos seus redutos mais fortificados (a linha do Píkisiri), puderam os nossos navios, em menos de dois dias transportar a Santo Antônio, com todo o material, inclusive cavalos, os efetivos de três Corpos do Exército, num total de 18 667 infantes, artilheiros, pontoneiros e cavalaria (Tasso Frágoso), efetivo êste que se trasladou da margem direita para a esquerda do rio Paraguai.

Eis como Ouro Preto comentou essa ação da nossa Esquadra: “O modo como foi desempenhado êsse serviço, sem um abaloamento, sem um sinistro, sem a perda de uma só embarcação miúda, sem o ferimento ou a morte de uma praça sequer e tudo isso com verdadeira surpresa do inimigo (e à noite, acrescentamos nós), na escuridão, (porque luzes denunciariam as manobras ao inimigo), faz honra à perícia de quem o dirigiu e executou. Pode o Brasil orgulhar-se da sua Marinha de Guerra, tanto pelo valor nos combates, como pela superioridade profissional na satisfação dos vá-

rios e difíceis encargos que a guerra exigia”.

Inhaúma relatando ao Ministro da Marinha (Barão de Cotegipe) o desenrolar daquela ação, escreve: “A 3 do corrente desceram para o ponto de embarque onde se achavam atracados à barraça os Encouraçados *Brasil*, *Bahia*, *Silvado* e *Lima Barros*, os Monitores *Piauí*, *Rio Grande* e *Ceará* e o Encouraçado *Cabral*, e ficaram continuando a metralhar o inimigo o *Tamandaré*, o *Barroso* e os Monitores *Pará* e *Alagoas*.

Tudo disposto, ao anoitecer de 4 desceram o *Tamandaré* e o *Barroso* e atracado aos outros teve comêço o embarque às 8 horas e 30 minutos da noite, com calma, silêncio e boa ordem. À meia-noite achava-se embarcado o segundo Corpo do Exército ao mando do General Argolo, tendo os navios recebido entre todos mais de 1.000 praças além das lotadas.

Às 2 horas e 30 minutos da madrugada de 5 suspenderam os navios e seguiram na ordem marcada para seu destino; os Monitores *Pará* e *Alagoas* que deixei junto à Vileta, continuaram a bombardeá-la e às 7 horas da manhã êsse Corpo do Exército, em fôrça de . . . 8.000 homens de infantaria, dez bôcas de fogo e o respectivo trem, achava-se desembarcado sem que um só soldado se tivesse molestado e sem a menor oposição por parte do inimigo.

Durante todo o dia 5 ocuparam-se os navios no transporte do resto do Exército, descendo o Chaco e subindo sucessivamente, e ao pôr do Sol estavam em Santo Antônio mais 17.000 homens, entre os quais perto de 1.000 de cavalaria completamente montados.

Nos dias 6, 7, 8 e 9 estiveram os navios empregados em passar para Santo Antônio o resto do Exército e a 9, logo que êste acampou, o transporte foi mandado para Ipané.”

Foi, como se viu, uma operação perfeita e difícil se levarmos em conta os recursos precários da época e as condições dos navios. Mas, não só difícil como, sobretudo, executada com a maior rapidez e sacrifício. De fato, honrou o preparo técnico da nossa Marinha de então, como salientou, com justiça, Ouro Preto.

Com êsse transbordo de tropas foram possíveis as ações famosas, sacrificadas e heróicas do nosso glorioso Exército em Itororó, em cujo arroio escrevera uma das mais belas páginas da Guerra do Paraguai: a passagem, à viva fôrça, pelas tropas comandadas por Caxias, em pessoa, contada por vários historiadores, inclusive por Dionísio Cerqueira, que presenciou a ação, a qual lembra aquêlo gesto de heroísmo do Generalíssimo Brasileiro, que ficou célebre na História Pátria, gesto que visou a infundir coragem às suas tropas: “*Sigam-me os que forem brasileiros!*” O resto, diz-nos Tasso Fragoso: “Tocando com as esporas o ginete, atira-se à ponte e transpõe-na de espada na mão, acompanhado de seu bravo piquete, uma trincheira de valentes riograndenses com as bandeiras auriverdes, resto dos batalhões da brigada e oito bôcas de fogo.”

Depois de uma cena indiscriminável, de bravura, de delírio, de frenesi, de indizível entusiasmo, espalhando-se a morte de ambos os lados, mas como um rôlo compressor, como diríamos hoje, Itororó estava vencida e com ela caía, também, o pôrto de Guarda-Ipané, onde já se encontrava a nossa Esquadra, que reaprovisionava nossas famintas fôrças terrestres, desfalcadas de recursos em razão das chuvas que caíam impetuosas e do próprio combate de Itororó, que, segundo o mesmo Dionísio Cerqueira, ocasionaram “a falta de víveres e obrigaram os oficiais e soldados a marchar e combater descalços”.

Naquele pôrto de Ipané, entre 9 e 10 de dezembro de 1868, a Esquadra transpôs para a margem esquerda as divisões de Cavalaria dos Generais Triunfo e Mena Barreto, possibilitando a retomada do avanço no dia subsequente (11 de dezembro). Entrementes, o *Mariz e Barros*, no dia 9, força novamente Angostura, sofrendo danos consideráveis, num golpe de dissimulação de Thompson, que comandava aquela fortaleza, e em que o bravo Comandante do *Mariz e Barros*, Capitão-de-Fragata Augusto Neto de Mendonça escreveria, como um dos últimos oficiais de nossa Marinha sacrificados naquela peleja, o seu nome na lista daqueles que deram a vida pela Pátria. Eis como o próprio Thompson

narrou o fato: “Na noite de 8 de dezembro dissimulei a bateria da esquerda com ramos de árvores, a fim de ocultá-la inteiramente e atrair os encouraçados até mais curta distância. Para complemento de nossa ventura, sussurava-se na Esquadra que Angostura fôra evacuada...” Aqui completa Tasso Fragoso: “No dia 9, Thompson não içou a bandeira paraguaia nessa bateria. Mendonça caiu no laço. Avançou confiante, passou pela bateria da esquerda, que se conservou silenciosa, mas, ao aproximar-se da segunda, ambas abriram um fogo terrível contra o seu navio. Colocado em situação crítica, achou que a melhor solução seria continuar rio acima. No momento em que dava essa ordem para a máquina (explica Jaceguai) um projétil inimigo chocava a face de vante da tôrre do comando e seus estilhaços penetraram no interior da mesma esmigalhando-lhe a cabeça. O imediato do navio, Primeiro-Tenente José Cândido Guillobel, assumiu-lhe logo o comando e prosseguiu na manobra”.

O navio recebera um impacto de 23 balas. Teve o seu Comandante morto, um oficial e nove praças feridos e um oficial contuso.

Voltemos à ação do Exército depois do desembarque, melhor diríamos: depois de Itororó. Segue-se-lhe a batalha do Avaí, aquela em que o Grande Osório, passando “a galope em frente de toda linha, com o rosto emoldurado pelo poncho, pala enrolada, dizia: “*Carreguem camaradas, acabemos com êsse resto...*”

Tanto em Itororó como no combate de Avaí a Esquadra, por ordem de Caxias, se manteve em Ipané para servir de apoio às tropas de terra, abastecendo-as e transportando para Humaitá os feridos de ambos os combates, além do transbordo de tropas para a margem esquerda do rio Paraguai.

A 16 de dezembro, em obediência às instruções do Generalíssimo, Inhaúna determinou que o *Silvado* (Comandante Costa Azevedo) e o *Lima Barros* (Comandante Joaquim de Abreu) descessem o rio na noite de 16 para 17, a fim de irem buscar em Palmas aprovisionamento para o Exército e combustível para a Marinha. “Ambos zarparam às 7 horas da noite e forçaram a passa-

gem de Angostura. Sofreram fogo intenso, apesar da noite. O *Lima Barros* teve um guardião morto e duas praças feridas. No dia 19, voltaram águas acima e, às 6 horas e 30 minutos da manhã, forçaram outra vez a sobredita Passagem. O *Lima Barros* trazia prêsas ao costado uma grande chata repleta de mantimentos. Recebeu 27 balas e teve duas praças feridas. O *Silvado* foi atingido por 14 projéteis. Graças a êsse transporte fluvial, recebeu o Exército víveres para 15 dias". Era mais uma missão cumprida pela Esquadra na realização do seu esforço de guerra, habituada que estava a enfrentar, com incrível denôdo e sangue frio, a violência do canhoneio do inimigo vindo das margens fortificadas.

Agora o caminho era a linha de Piki-siri, um dos lados de Angostura. A queda dessa linha, na noite de 21 para 22 de dezembro de 1868, "acarretou duas vantagens inestimáveis: o isolamento de Angostura e a abertura de comunicações francas com Palmas", diz Tasso Fragoso.

A derrota paraguaia em Piki-siri colocou os Exércitos Aliados, segundo Thompson, a uma milha de Angostura, último reduto sério do inimigo. Essa derrota, por outro lado, levou os Chefes Aliados (Caxias, Gelly y Obes e Castro) respectivamente, brasileiro, argentino e uruguaio, a enviarem a Solano Lopez uma intimação para que se rendesse dentro do prazo de 12 horas, dizendo, dentre outras coisas, o seguinte, segundo informa Tasso Fragoso:

"Se a obstinação cega e inexplicável de V. Exa. fôr considerada por V. Exa. preferível a milhares de vidas que ainda se podem poupar, os abaixo assinados responsabilizam a pessoa de V. Exa., perante a República do Paraguai, as nações que êles representam e o mundo civilizado, pelo sangue que vai correr a jorros e pelas desgraças que vão aumentar as que já pesam sôbre o país".

Ao contrário, êle e seus oficiais foram unânimes em repeli-la, dizendo: "prefe-

rirem a morte a sofrer semelhante ignomínia."

Embora vencido, Lopez não se dispunha a ouvir intimação para depor as armas. Declara Tasso Fragoso, numa análise da atitude do Ditador: "A resposta de Lopez é incontestavelmente digna e teria imenso valor moral se promanasse de um homem que não houvesse, como êle, sobreposto a sua vaidade e orgulho pessoal à tranqüilidade e progresso do seu país. Êle a escreveu, como disse Masterman, "tendo as mãos ainda manchadas com o sangue de seu próprio irmão, com o do bispo, que havia sido seu companheiro e condiscípulo na meninice, e seu mais sincero amigo em tôdas as épocas da vida, e com o dos mais valentes e intrépidos dos seus oficiais".

E assim a guerra continuaria por mais de um ano, desnecessariamente. Encerrava-se o mês de dezembro de 1868 com o ataque à posição de Ita-Ibaté aonde Lopez se reforçara grandemente, o que ocorreu a 27 daquele mês. A batalha durou três dias, durante os quais a Esquadra não cessou de bombardear a fortaleza. Ao final, desbaratado o Exército de Lopez, Angostura, no dia 30 de dezembro, "rendeu-se definitivamente depondo as armas a guarnição de 1.200 válidos e entregando mais de 800 feridos, mulheres e crianças". (Ordem-do-Dia nº 272, de 14-1-1870).

"Antes disso, (esclarece Ouro Prêto) porém, a magnanimidade dos Aliados deixou sem o merecido castigo o ato de insigne perfídia do inimigo e ainda perdeu a Esquadra um dos seus mais distintos oficiais" (aquêle de quem já relatamos, anteriormente, a morte) o Comandante do *Mariz e Barros*, Capitão-de-Fragata Mendonça. Continua Ouro Prêto: "Tendo Angostura içado bandeira branca, manda o Capitão-de-Fragata Costa Azevedo, Comandante do *Silvado*, que o Monitor *Piauí*, arvorando-a igualmente, se aproximasse das baterias. Ao encontro dêste navio pareceu vir um escaler com três oficiais, que à certa distância se fêz de volta à tôda força de remos. Arria então a fortaleza a bandeira de paz e despeja a artilharia sôbre o monitor, que é atingido por 6 balas". Era outra ignomínia.

JANEIRO, 1869

A 3 de janeiro, a Esquadra sob o Comando de Inhaúma vai fundear em Assunção, assumindo o Primeiro-Tenente Stepple da Silva a direção do Arsenal de Marinha, a fim de possibilitar os reparos que se faziam necessários aos navios.

A 5, por ordem de Caxias e com o fim de apoderar-se dos restantes vasos de guerra do Ditador, dá-se a expedição do Manduvirá, para ali seguindo o Barão da Passagem com os navios: *Bahia*, *Pará*, *Alagoas*, *Ceará*, *Piauí*, *Santa Catarina*, *Avai* e *Mearim*. Sua missão era dar caça aos oito restantes navios, mais um pontão e o Patacho *Rosário*.

A expedição invadiu o rio acima, saindo os monitores em seu encalço. O arroio era estreito e raso. Adiante estava obstruído com o patacho e o Vapor *Paraguari*, que o inimigo meteu a pique. Teve esta força que regressar sem atingir o objetivo total, uma vez que só três dos oito navios foram abandonados pelos paraguaios. Os demais refugiaram-se no interior do Manduvirá. Na manhã de 9 de janeiro, a força naval do Barão da Passagem juntava-se ao resto da Esquadra em Assunção.

A 14 de janeiro, organiza-se outra Esquadilha Naval composta das Canhoneiras *Mearim*, *Ivaí*, *Iguatemi*, *Henrique Dias*, *Felipe Camarão* e *Fernandes Vieira*, comandada pelo Capitão-de-Mar-e-Guerra Garcindo de Sá, levando a bordo 250 praças do Corpo de Engenharia para irem reapossar-se do ponto denominado Fecho dos Morros, no limite da Província de Mato Grosso, a fim de fortificá-lo e levar à capital daquela província a grata notícia dos acontecimentos do mês anterior.

Desta expedição dá Ouro Prêto esta versão: "...Acompanhava-a o Vapor *Jaguarê*, carregado de combustível. Salvo a perda deste navio, que soçobrou, a expedição nenhuma contrariedade sofreu. Estavam abandonados todos os postos militares das margens dos rios, fugindo mal a avistavam pequenos piquetes aí destacados. A 22, chegou ao Fecho dos Morros e no dia imediato aprouaram para Cuiabá as duas Canho-

neiras *Fernandes Vieira* e *Felipe Camarão*.

Os fortes Olímpio e Coimbra não tinham viva alma. Em Albuquerque, uma guarda brasileira, supondo serem inimigos os navios, internou-se, mandando o respectivo Comandante aviso para Corumbá, cuja guarnição, sob as ordens do Tenente-Coronel Mário Coelho, preparou-se para combate, reconhecendo, porém, a tempo aquêlo enganado.

Daí por diante, até Cuiabá, foram as canhoneiras sempre vistoriadas pelos habitantes marginais que as saudavam com delírio, manifestação a que se associaram com indizível entusiasmo as autoridades superiores e a população da capital que tanto sofrera por mais de quatro anos. A Flotilha da Província, comandada pelo Capitão-de-Fragata Soído, veio receber os portadores da boa nova, por ordem do Presidente da Província, algumas milhas abaixo da cidade onde se celebraram ações de graças".

Estavam restabelecidas as comunicações com Cuiabá, Capital da Província de Mato Grosso e livre todo o curso do Paraguai.

Da famosa e já citada Ordem-do-Dia nº 272, de 14 de janeiro de 1869, do Marechal Duque de Caxias, destacamos o seguinte trecho, que diz o que um Chefe poderia dizer sobre o que foi a ação da Esquadra depois da queda de Humaitá, no esforço conjunto de acabar com uma guerra que nos fora imposta e aos nossos aliados pelos motivos obstinados de um ditador ambicioso:

"Pede a justiça que eu manifeste igualmente meu profundo reconhecimento aos Exmos. Vice-Almirante Visconde de Inhaúma e Chefe-de-Divisão Barão da Passagem e, bem assim, a todos os chefes, comandantes, oficiais e praças da Esquadra Imperial, pelos relevantíssimos serviços que sempre prestaram desde que tive a honra de assumir o Comando-em-Chefe de tôdas as Forças Brasileiras, pelo zelo, inteligência, boa vontade, abnegação como constantemente me coadjuvaram, e pelos testemunhos que nunca deixaram de dar, de considera-

ção e estima à minha individualidade.

Se o Exército sempre se orgulhou em ter por auxiliar a intrépida Esquadra Imperial, não é menos certa que esta, por seu procedimento e bravura, se mostrou digna de ter por auxiliar o valente Exército do seu País.”

E terminava assim a sua Ordem-do-Dia: “A guerra chegou ao seu termo e o Exército e a Esquadra Brasileiros podem ufanar-se de haver combatido pela mais justa e santa de tôdas as causas.”

Inhaúma deixa o Comando da Esquadra

O sofrimento da guerra e as próprias condições de vida a bordo, em regiões inhóspitas por período tão prolongado, provocaram desgastes irrecuperáveis na saúde do ínclito Almirante Inhaúma. No início de 1869 vamos encontrá-lo em precaríssimo estado hígido. Em 16 de janeiro do referido ano, Inhaúma expediu a Ordem-do-Dia nº 204, em que fazia diversas e últimas determinações sobre o serviço da Esquadra, terminando-a assim:

“Devendo eu seguir para Montevideú, a fim de tratar de minha saúde conforme a permissão para esse fim obtida de S. Exa. o Sr. Comandante-em-Chefe de tôdas as Fôrças do Império (no caso o Generalíssimo Caxias), sem que contudo deixe o Comando-em-Chefe da Esquadra, exoneração que acabo de solicitar ao Governo Imperial, fica incumbido da direção de todo o movimento da mesma Esquadra S. Exa. o Sr. Chefe-de-Divisão Barão da Passagem, com as devidas instruções que hoje lhe expeço”.

Inhaúma não mais regressaria e pouco mais viveria. Deixando a Esquadra entregue aos cuidados do Barão da Passagem, segue, imediatamente, para Montevideú. Ali chegou no dia 5 de fevereiro, o Chefe-de-Esquadra Elizário Antônio

dos Santos, que era portador do seguinte aviso:

“Ministério da Marinha, Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1869. Ilmo. e Exmo. Sr. Em officio de 14 do corrente comunicou V. Exa. que o seu estado de saúde é muito precário, tendo-se agravado nestes últimos dias, que vai inspirando receio aos médicos seus assistentes, os quais são de opinião ser indispensável que V. Exa. peça exoneração do comando que tão dignamente exerce. Acrescenta V. Exa. que se anima a fazer este pedido, atendendo que a Esquadra que lhe foi confiada *não tem mais navios inimigos a combater nem fortificações no rio Paraguai a destruir.*

O Governo Imperial, entendendo que V. Exa. pelos ponderosos motivos alegados, se veja obrigado a interromper sua gloriosa missão, apressou-se a levar a alta presença de Sua Majestade o Imperador aquela comunicação e resolveu conceder a V. Exa. a exoneração pedida nomeando para substituí-lo ao Chefe-de-Esquadra Elizário Antônio dos Santos. O mesmo Augusto Senhor manda louvar a V. Exa. pelos relevantíssimos serviços que prestou à causa nacional no comando da Esquadra de Operações, que de tanta glória se tem coberto nesta memorável guerra; e como prova do aprêço que merecem estes serviços, dignou-se promover nesta data a V. Exa. ao pôsto de Almirante no quadro extraordinário e condecorá-lo com a Grã-Cruz efetiva da Ordem da Rosa.

O que tenho a satisfação de comunicar-lhe para que V. Exa. o faça constar em Ordem-do-Dia. (as) Barão de Cotegipe. À S. Exa. o Sr. Visconde de Inhaúma”.

O Almirante Visconde de Inhaúma sobreviveu apenas 18 dias após chegar ao Rio de Janeiro. Chegando a 18 de fevereiro de 1869 às 06,00 horas, falecia no dia 8 de março seguinte.

FEVEREIRO, 1869

No dia 6, em Montevidéu, o Chefe-de-Esquadra Eliziário Antônio dos Santos, Barão de Angra, assume o Comando-em-Chefe da Esquadra em Operações contra o Paraguai, substituindo ao Almirante Visconde de Inhaúma. O novo Chefe constituiu assim o seu Estado-Maior: Chefe; Capitão-de-Mar-e-Guerra Costa Azevedo. Secretário; Primeiro-Tenente Manoel Augusto de Castro Menezes. Ajudantes-de-ordens; Primeiros-Tenentes Eduardo Fábio Pereira Franco e Antônio Ferreira de Oliveira.

No dia 20 de fevereiro chegava a Assunção, no Vapor *Princesa*, o Chefe Eliziário recebendo a Esquadra das mãos do Barão da Passagem, que a comandava interinamente, substituindo ao Visconde de Inhaúma.

A 26, o Chefe Eliziário distribuiu a Esquadra em duas divisões, uma destinada ao rio Paraguai e outra, ao rio Paraná, criando, ainda, um grupo de navios sôltos sob a dependência direta de seu Estado-Maior.

MARÇO, 1869

A 2, é organizado um serviço de correio entre Assunção e o Cerrito, com os vapores *Lindóia* e *Voluntários da Pátria*.

No dia 14, com o objetivo de dar maior eficiência à Esquadra, o Chefe Eliziário nomeou o Capitão-de-Mar-e-Guerra Vitorio José Barbosa da Lomba, Comandante da Primeira Divisão e o Capitão-de-Mar-e-Guerra Garcindo de Sá para a Segunda Divisão.

No dia 16, outro ato do Chefe Eliziário suprimiu o Hospital de Humaitá, conservando, apenas, o de Assunção. O *Onze de Junho* também deixava de ser Hospital para exercer outra atividade.

No dia 17, finalmente, as unidades da sua Fôrça Naval eram, assim, grupadas:

Primeira Divisão. (águas do rio Paraguai). Encouraçados: *Silvado*, *Mariz e Barros*, *Barroso*, *Bahia*, *Tamandaré* e *Colombo*;

Monitores: *Pará*, *Alagoas*, *Rio Grande*, *Ceará*, *Piauí* e *Santa Catarina*;

Canhoneiras: *Belmonte*, *Ipiranga*, *Ivaí*, *Araguari*, *Mearim*, *Iguatemi* e *Henrique Martins*.

Segunda Divisão. (águas do rio Paraná). Encouraçados: *Cabral* e *Herval*;
Canhoneiras: *Beberibe*, *Itajaí*, *Araguaí*, *Maracanã*, *Greenhalgh*. *Tacuari*, *Chuí* e *Henrique Dias*.

Divisão de Navios Soltos. Todos os demais não mencionados e que pertencem à Esquadra ficariam sob a direção imediata do Chefe do Estado-Maior.

O resto do mês transcorreu sem maiores alterações para a Esquadra, a não ser o serviço de transporte e de abastecimento que era feito pelo rio.

ABRIL, 1869

No dia 14, chegou à Assunção, às 14,00 horas, o Príncipe Gastão de Orleans, Conde d'Eu, para assumir o Comando-em-Chefe de tôdas as Fôrças Brasileiras em Operações contra o Paraguai, que teve larga conferência com os Generais Guilherme Xavier de Souza, que substituíra, interinamente, o Generalíssimo Caxias, Polidoro Quintanilha da Fonseca Jordão e Chefe-de-Esquadra Eliziário Antônio dos Santos. Dessa conferência e aproveitando a cheia dos rios, resolveu Sua Alteza ativar a exploração do Manduvirá, onde ainda se achavam navios paraguaios. Sabe-se que o remanescente da Esquadra Paraguaia fugindo sempre a um encontro com navios brasileiros, reduzida que estava a seis navios, internara-se pelas águas do Manduvirá, um dos afluentes da margem esquerda do rio Paraguai, desde janeiro de 1869, em que fôra perseguida pelo Barão da Passagem.

Depois de ter preparado os meios para destruir o resto da Esquadra Paraguaia, expedindo ordens ao comando da Primeira Divisão, o Chefe Eliziário resolveu mandar às cabeceiras do Manduvirá, como ficara antes assentado com o Conde d'Eu, uma fôrça naval sob o comando do Capitão-de-Fragata Jerônimo Francisco Gonçalves, Comandante do Encouraçado *Colombo*, que, com a Corveta *Belmonte*, bloqueavam o Manduvirá.

No dia 18, partiu a Esquadilha composta dos Monitores *Santa Catarina* (Primeiro-Tenente Antônio Baltazar da

Silveira); *Ceará* (Primeiro-Tenente Antônio Machado Dutra) e as lanchas a vapor *João das Botas* (Primeiro-Tenente Gregório Ferreira de Paiva); *Jansen Müller* (Segundo-Tenente Afonso Augusto Rodrigues de Vasconcelos); e a lancha *Couto* que seguiu com o *Santa Catarina*.

A viagem teve início na madrugada do dia acima. A Esquadilha navegou, por assim dizer, às cegas porque não havia prático que conhecesse os rios interiores. Foi, pois, levada pelo arrôjo e pela necessidade de cumprir o dever que, assim, passou todo o Manduvirá, costeando a lagoa de Aguaracati. Entrou após no arroio Hondo e daí no Mubutuí, chegando através de muitas dificuldades, em frente à Vila de Caraguati. Nessa viagem gastaram-se seis dias. Desde o segundo dia de viagem, porém, a Esquadilha foi acompanhada "por força de cavalaria inimigida e de noite cuidadosamente vigiada".

Conta-nos Pereira da Costa que quando a Esquadilha chegou "defronte da Vila, os monitores pararam por não haver fundo para a navegação, e descobriram três vapôres paraguaios postos a seco.

Gonçalves embarcou numa lancha e procurou aproximar-se dos vapôres inimigos para incendiá-los, mas sem conseguir o seu intento.

Quando Gonçalves quis desembarcar para incendiar os vapôres, surgiu das matas um regimento de cavalaria, que formou meio círculo ocupando a nossa vanguarda, enquanto outro executava a mesma manobra pela nossa retaguarda, auxiliados por força de infantaria.

Não tinham levado força de desembarque, e como não supunham que os vapôres inimigos estivessem tão longe, o Comandante da expedição despachara duas lanchas mandando pedir mantimentos e carvão ao Chefe Lomba, diminuindo, portanto, a gente.

O Capitão-de-Fragata Gonçalves achava-se avançado com os monitores e a lancha *Couto* quando expediu as outras duas lanchas ao Comandante da Primeira Divisão; não obstante quis ir mais longe, porém, viu que não havia espaço para os navios, pois o rio descera naquele dia, 25 de abril, quase dois pal-

mos; pensava aguardar ali os recursos pedidos, quando na noite de 26 o Comandante Gonçalves resolveu fazer a retirada, por ter durante ela ouvido sem cessar, repetidos golpes de machado nos matos que guarnecem os riachos, por ambos os lados; estavam à distância de sessenta a setenta léguas da foz do Manduvirá.

Na manhã de 27, a expedição principiou a descer o rio, navegando de pôpa águas abaixo, pois os monitores não podiam virar e dar às proas ao seu caminho, porque o máximo da largura de quase todos esses riachos é de doze braças, e o mínimo sete.

Às 11 horas da manhã a Esquadilha encontrou o rio atravancado com vigas e muitas árvores, tôdas bem enleadas com cipós e ervas para embaraçarem os hélices. Ao *Ceará*, que ia na frente, coube o serviço de desobstruir o rio: era trabalho executado em uma noite, e a Flotilha passou a salvo porque não interrompeu o trabalho. Às 7 horas da noite fundeou. Na manhã de 28 continuou ela a descer o rio mais apressadamente, para ver se passava o pôrto Garaio com dia, pois os expedicionários já sabiam pelas lanchas que tinham ido buscar recursos, que aquêle ponto estava fortificado, onde elas foram hostilizadas naquele dia por fuzilaria e tentativa de abordagem; todavia chegou a noite sem a expedição alcançar aquêle pôrto.

Das 7 para às 8 horas da manhã do dia 29, a Esquadilha teve de forçar esse Passo, já fortificado com uma bateria à barbete de duas peças de campanha, boas trincheiras para fuzilaria em ambas as margens, guarnecidas de 1.100 homens, 900 na margem esquerda, e cerca de 200 na outra.

Abaixo da bateria o rio estava obstruído com vigas, árvores, canoas, correntes de ferro, cordas passadas em quatro voltas e até carrêtas cheias de pedras!

Antes da Esquadilha chegar à bateria, os paraguaios fizeram esforços para lançar dois tropedos na lancha *Jansen Müller*, em que ia o Segundo-Tenente Vasconcelos reconhecer a flutuação da viga; êste percebe os torpedos, dá sinal ao *Ceará*, que lhe vinha nas águas e descobrindo a bateria sobe o rio

a dar aviso à Flotilha, que investe com rapidez todos êstes obstáculos.

Coube ainda ao *Ceará* ir na frente e ser o primeiro a romper as correntes e outros embaraços.

Forçadas as trincheiras e a bateria e vencidos os outros obstáculos, a Esquadilha sobe de nôvo o rio para bater-se com os paraguaios: os monitores ancoraram mesmo defronte do inimigo e principiaram a metralhar ambas as margens.

Rompeu vivíssimo fogo de artilharia das duas margens do estreito riacho e 200 homens valentes tentaram abordar os monitores.

Foi um combate porfioso, que durou cinco horas, e causou uma mortalidade horrível nos paraguaios.

Os brasileiros combateram com grande entusiasmo aos gritos de *viva a Nação Brasileira! Viva o Imperador! Viva a Esquadra!*; e a sua fuzilaria e artilharia aterravam o inimigo.

Mais de 100 dos paraguaios que tentaram abordar os navios, foram mortos mesmo no rio: traziam facas afiadíssimas para degolar os brasileiros. Também ferimos muitos inimigos, e outros ficaram prisioneiros.

Lopez ligara tanta importância à destruição ou captura dos nossos monitores, que devassaram sua cordilheira, que mandou prender o Comandante da Fôrça que deixou a Esquadilha passar águas abaixo, segundo declarou o seu ajudante-de-campo que caiu em nosso poder.

Terminaremos transcrevendo o trecho de uma correspondência da Esquadra:

Ah! era um punhado de bravos brasileiros que ali defendiam a Bandeira, a Honra Nacional. O próprio médico, Dr. Oliveira Coutinho, tomou uma espingarda e bateu-se, passeando com aquêlê vagar, que lhe era próprio, de ré à proa e vice-versa, a peito descoberto, e onde melhor pontaria podia fazer. E porque quase tôda a viagem os paraguaios o viram de binóculo a observar, parece que lhe tinham vontade de dar cabo, pois que as balas zuniam a

seu lado, e duas êle apanhou que se despedaçaram no costado do navio e de ricochete, bateram-lhe. Os comandantes mesmo na ocasião do combate o cumprimentaram com seus bonés, ao que êle respondeu, e continuou a fazer fogo”.

Afinal, atingira-se o objetivo total da participação da Esquadra na chamada *Guerra da Cordilheira* com as incursões levadas a efeito durante o ano de 1869, cuja capitulação total dos paraguaios teria o fim trágico em Cerro-Cora, a primeiro de março de 1870, com a morte do Ditador: objetivo que era a destruição dos remanescentes da Esquadra inimiga.

Vimos, pelo documento acima transcrito o que foi a expedição do Manduvirá, uma Esquadilha entregue a seu



O Marechal Gastão de Orléans, Conde d'Eu, Comandante-em-Chefe das Fôrças Aliadas em Operações de Guerra contra o Paraguai, de 16 de abril de 1869 a 1º de março de 1870 (Campanha da Cordilheira).

destino; cercada de ambas as margens pelo inimigo astucioso; barraca na volta, de marcha a ré, pelo menos assim vieram os monitores, com o rio obstruído de tôda a forma: árvores, cabos, correntes, canoas, pedras, carrêtas, abordagem, enfim tudo que se podia imaginar de um inimigo em desespero de causa e que tinha ordem de destruir, a qualquer preço, ou capturar, os navios que se lhe opunham nas suas últimas e derradeiras esperanças de sobrevivência. A isto, à loucura das investidas do inimigo, os nossos bravos marujos, um pugilo de poucos e denodados homens, opunham o ardor e o entusiasmo pela santa causa da justiça e da razão, que defendiam. E o inimigo, no coração da pátria, foi ferido de morte, destruído, liquidado.

Eis o arremate, tirado do relatório do Comandante-Chefe de tôdas as Forças Brasileiras em Operações na República do Paraguai, datado de Caraguataí, em 3 de setembro de 1869:

“Nesse rio (o Iguai), dizia S. A. I. o Conde d’Eu, sumamente estreito e sinuoso, achavam-se completamente encahados os seus últimos Vapôres da Marinha Paraguaia, denominados *Apá, Anhambaí, Guaiará, Iporá, Paraná e Pirabebé*.

O inimigo, mesmo em sua fuga pôs-lhes fogo, acabando assim de inutilizá-los e fazendo voar grande quantidade de munições que êles continham”.

Era o fim melancólico de uma Marinha de homens valentes, sem dúvida, mas que defendiam uma causa ingrata. Felizmente, tudo passou. Resta-nos, agora, a certeza de que não cometemos indignidade ao narrarmos os acontecimentos de então, na efeméride centenária do término de uma guerra que nos fôra imposta por um só homem (êste mesmo que a poderia ter evitado) que querendo sua pátria maior a custa do sacrifício de outras, tornou-se, por assim dizer, um déspota, um ambicioso, um sacrificador de vidas do seu país e das Nações Aliadas.

Não obstante não ter mais navios a combater, a nossa Marinha continuava em atividade, como coadjuvadora na Campanha da Cordilheira, que ainda se prolongaria até 1º de março de 1870.

Haveria uma terceira expedição ao Manduvirá, do que nos dá notícias Tasso Fragoso: “Logo que o Chefe-de-Esquadra Eliziário Antônio dos Santos soube das nossas vitórias de Peribeubí e Campo Grande, e lhe constou que o inimigo se retirava para as cabeceiras do Manduvirá, decidiu mandar alguns elementos navais avançar de nôvo por êste rio, na esperança de acometer o inimigo num passo que êle teria de chegar. A 17 de agosto (de 1869), a Canhoneira *Iguatemi* e as lanchas *Inhaúma, Inquiri* e *Tebicuari* penetram no Manduvirá e vão até um pouco acima do Passo Orqueta. Aí fica a *Iguatemi*, visto a configuração do terreno permitir que se batam os campos de ambas as margens do rio. As lanchas continuam, dirigidas pelo Capitão-de-Fragata João Antônio Alves Nogueira e pelo Capitão-Tenente Eduardo Wandenkolk, e alcançam o local em que fôra a pique o Vapor *Paraguari*, 14 léguas distante da foz. Ao cair da noite regressam com cautela para junto da *Iguatemi*. No dia seguinte (18), tornam a subir o rio e vão até um ponto em que se bifurca. Enveredam pelo Caraguataí e atingem o Passo Garaio, que encontram barrado com um muro de pedra de três metros de espessura e cuja superfície fica um metro acima do nível das águas. Só haviam deixado um canal estreito em uma das margens, navegável por canoas. O pessoal das lanchas abriu uma passagem maior, auxiliado pela guarnição do Vapor *Lindóia* que já ali tinha chegado. Da mastreação do *Lindóia*, percebia-se gente em caminho para o norte. Os vapôres paraguaios não estavam longe, mas a deficiência d’água no rio não permitiu que as embarcações avançassem mais. Vendo-se atacados e perseguidos pelos brasileiros, os paraguaios lançaram fogo aos vapôres que já se acham perto para não ficarem em nosso poder” (da parte do Chefe-de-Esquadra Eliziário Antônio dos Santos). Êstes são os seis navios a que aludimos acima.

NOTA FINAL

A 15 de dezembro de 1869, o Chefe-de-Esquadra, Eliziário Antônio dos Santos, achando-se doente, passa o Coman-

do da Esquadra ao Chefe-de-Divisão Vitório José Barbosa da Lomba.

São retirados, a seguir, por ordem do Conde d'Eu, os navios que bloqueavam o Manduvirá e os que estavam na foz de Jejuí. Ficou, segundo informa Ouro Preto, a Fôrça Naval no Paraguai reduzida ao Encouraçado *Tamandaré*, Monitores *Santa Catarina*, *Rio Grande do Sul*, *Alagoas*, *Ceará*, *Piauí* e *Pará*; Transporte *Vieira*, *Felipe Camarão*, *Henrique Dias*, *Princesa de Joinville*; Avisos *Fernandes Henrique Martins*, *Lamego*, *Grænhalgh*, *Taquari* e *Lindóia*; Vapôres *Onze de Junho*, *Chuí*, *Antônio João*, *Corumbá*, *Jauru*, *Alfa*, *General Osório*, *Voluntários da Pátria* e dez lanchas.

Os demais navios tiveram ordem de regressar à Capital do Império para fins de reparo dos "gloriosos estragos da luta, ou para serem retirados do serviço, que nobres inválidos, já não podiam prestar".

Ouro Preto, apoiando-se em Cotegipe, Ministro ilustre que vira o término da guerra, com o desaparecimento, a 1º de março de 1870, do Ditador Solano Lopez, concluía as suas notas históricas sôbre a participação da Marinha na Campanha do Paraguai.

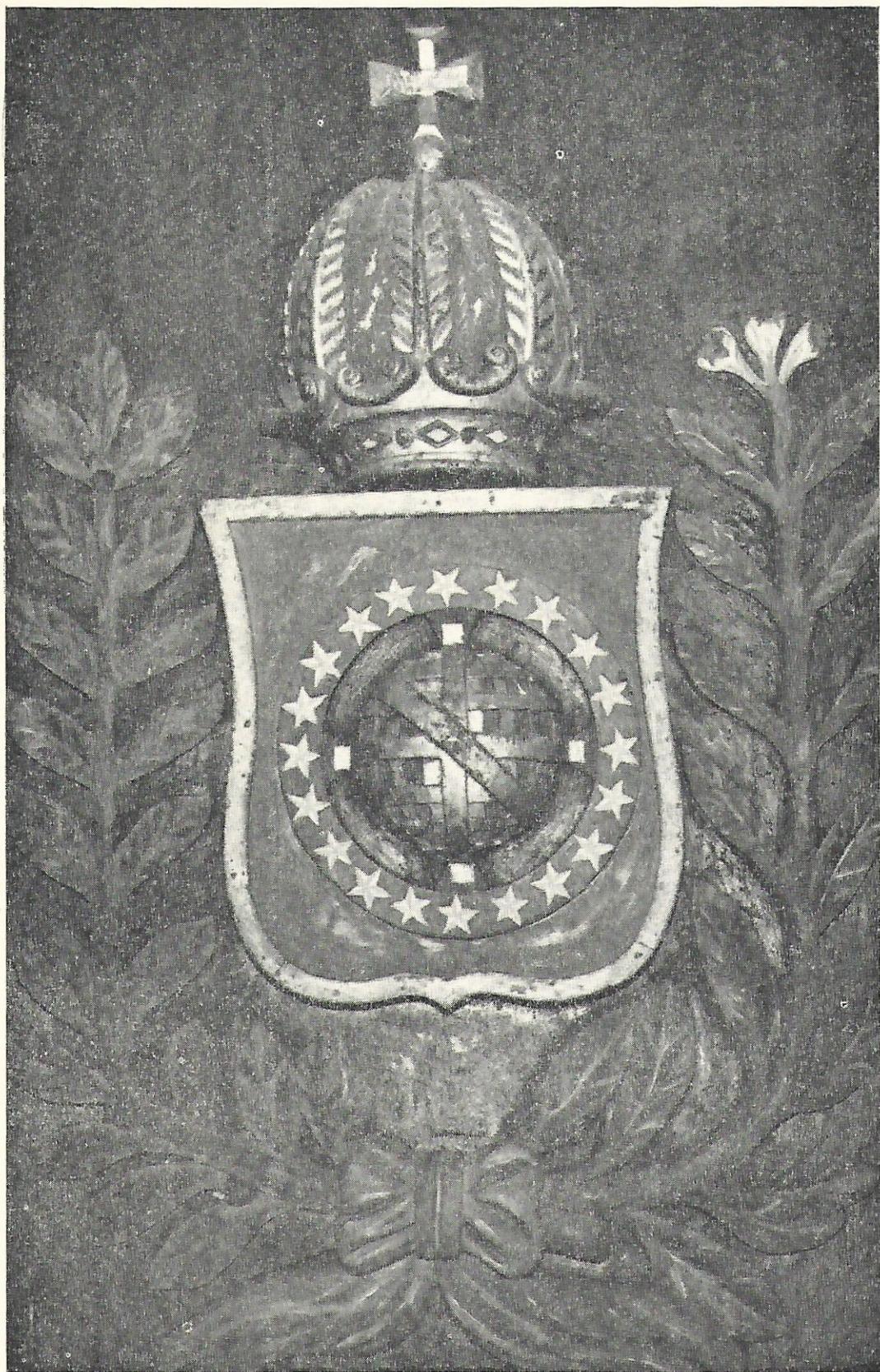
"O Brasil podia contemplar com desvanecimento a sua Marinha de Guerra, que se elevara a par das primeiras do Mundo, em prolongada campanha, cujos perigos e dificuldades, provenientes das circunstâncias especialíssimas do teatro em que se desenvolveu, não encontram outras iguais na história das guerras marítimas.

Paissandu, Riachuelo, Mercedes, Cuevas, Corrientes, Uruguaiana, Passo da Pátria, Curupaiti, Itapiru, Humaitá, Timbó, Tagi, Tebicuari, Angostura, Manduvirá (3 vezes) foram padrões da sua marcha vitoriosa. Ela recolheu-se à Pátria coberta de louros, trazendo os navios, honrosas cicatrizes, que ostentavam a grandeza da porfia, que sustentaram. Jovens oficiais que nunca tinham entrado em combate, nem prática alguma de guerra possuíam, revelaram qualidades distintas, que lhes valeram rápida elevação. Os chefes, dirigindo-os pelo exemplo do valor pessoal e com a perícia adquirida, corresponderam à reputação de que já gozavam".

A isto acrescenta Ouro Preto: "O Ministro ilustre (o Barão de Cotegipe) que escreveu estas justas e eloqüentes palavras, poderia ter incluído entre os padrões de glória da Marinha, Coimbra, Alegre e Garaio, onde a coragem dos oficiais e praças, pelejando contra fôrças imensamente superiores, nunca, por nenhuns outros, foi excedida".

AGORA UMA REFLEXÃO

A guerra foi dura e longa porque as dificuldades a vencer eram enormes. Não só não se conhecia o terreno como as suas condições eram as mais adversas e só acessíveis com um prévio preparo, sempre de longa duração pela falta de recursos. Estes, por outro lado, eram os mais primitivos em razão da própria época em que os fatos se desenrolavam. A estrada principal aberta, porém, no âmago da luta, era o rio. Graças à participação da Argentina este ficou livre e em Buenos Aires tivemos o apoio preciso para as operações fluviais. Se nos tivesse faltado aquela ajuda as coisas teriam sido ainda mais difíceis porque teríamos que varar a região da mata e até chegarmos lá, o inimigo, que estava preparado, certo teria chegado antes ao Rio Grande do Sul e pelo norte a Mato Grosso. Graças àquela ajuda, pudemos ferir de morte o invasor em Riachuelo, porque foi ali que lhe quebramos o potencial naval. Sua Esquadra ficara, daí por diante, sem condições de se opor à nossa. Depois, restava ao Ditador a grande esperança da inexpugnabilidade de Humaitá. Esta ruíra à valentia e à intrepidez dos nossos valentes chefes e marinheiros. Não se deve esquecer, de passagem, a estrada de ferro construída pelos nossos fuzileiros navais, no Chaco, para facilitar as comunicações entre as Esquadras, de madeira, fundeada abaixo de Curupaiti, e a de ferro, fundeada abaixo de Humaitá. Foi obra do esforço de guerra, digna de ser apreciada como representativa da valentia e da astúcia de gente disposta a tudo pela Pátria. Graças a ela, a nossa Esquadra de ferro, não se transformou de bloqueadora em bloqueada e, abastecida, constantemente, pela estrada do Chaco, pôde continuar bombardeando



Brasão de Armas do Império do Brasil esculpido em madeira na pôpa da Canhoneira Araguari. Este navio participou de toda a guerra, desde Riachuelo até o Manduvirá (Museu Histórico Nacional).



Capitão-de-Fragata Augusto Netto de Mendonça, último oficial da Marinha Imperial, morto em combate. A 9/12/1868, comandando o *Mariz e Barros*, reconhecia as baterias de Angostura quando foi atingido pela explosão de um projétil de 150. Arquivo Montenegro, Biblioteca do Rio Grande do Sul.

incessantemente a fortaleza de Humaitá até à sua queda final, como vimos antes. Depois restou ao Ditador o outro Passo, o de Angostura, preparado com inteligência pelo inglês, a serviço do Paraguai, George Thompson, que a comandou até à rendição final. Sem Esquadra para combater no rio, sem Humaitá e Angostura para se oporem à passagem de nossos navios, livre a navegação fluvial no Paraguai e no Paraná, não havia como se sustentar o inimigo. A Guerra da Cordilheira, que correu para as expedições fluviais ao Manduvirá e ao Garaio e em que os nossos bravos marujos praticaram ações das mais distintas, foi um gesto tresloucado

de Solano Lopez, digno de um bravo, não fôra êle um desalmado, porque o fêz para combater até à morte, mas que sacrificou, desnecessariamente, muitas vidas, de ambas as partes. Melhor teria sido que êle, reconhecendo a derrota, que, de há muito sabia inevitável, tivesse feito justiça com as próprias mãos, senão em Riachuelo, mas depois da queda de Humaitá, uma vez que não admitia a possibilidade de uma paz honrosa, no devido tempo.

*
* *

Nós ficamos aqui com aquela visão de que fala Tasso Fragoso “das inúmeras

vítimas dos quatro países (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai) que dormem o derradeiro sono, a maior parte em terra estrangeira, sacrificadas à ambição e à vaidade de um homem sem coração”.

Muita lição se tirou daquela luta inconseqüente que nos foi imposta e aos nossos aliados e ao não menos valoroso povo paraguaio. Uma delas, pelo menos, é a de que na guerra são os pais que enterram os filhos ao contrário do que ocorre na paz em que os filhos são os que enterram os pais. . .

Nada mais horrível do que a glória de uma vitória sôbre o ciclo do martírio humano, ou como diria o velho Marechal inglês Beresford, após vencer importante batalha: “A glória de semelhante triunfo não me oferece consolação. . .”

Aprendamos, contudo, que o nosso dever nos impõe patriotismo e como tal, embora abominando a guerra, que triunfa sempre sôbre mares de sangue, devemos estar preparados para ela face ao mundo de incompreensões em que vivemos.

Aprendamos, também, que guerra é o fogo que destrói ou como a ela se referia Coelho Neto: “é o vômito dos canhões mortíferos, é a coluna estrondosa das minas, é a erupção dos torpedos, é a força da bala, é o repetidor da metra-

lha, é o arrasador das searas, é o excídio das cidades, o terror das mães: faz a miséria, faz a viuvez, faz a orfandade e empilha mortualha nos campos e enche os hospitais de feridos. É o elemento terrível, o instrumento passivo da ferocidade humana”. É o crime, diríamos nós, da responsabilidade de quem a provoca.

A guerra contra o Paraguai não fomos nós, nem os nossos aliados que provocamos. Levaram-nos a ela e por ela tivemos, com todos os horrores, que cumprir com o nosso dever e cumprimo-lo, nós e os nossos aliados, conscientemente, bravamente, dignamente.

Unamo-nos, pois, aumentando, multiplicando infinitamente o nosso patriotismo pela defesa, pela paz e pela glória do Brasil! É o que nos sugere, depois dêste estudo exaustivo, embora incompleto e obscuro, sôbre a ação da Marinha (de Humaitá a Assunção), o 1º de março, cujo centenário lembra o término da guerra que pelejamos com os nossos valorosos irmãos paraguaios.

Esta lembrança só tem um significado: unir mais pela compreensão e pela amizade, os nossos povos, única forma de se abolir o espectro apocalítico que há um século atormentou os nossos povos avoengos.

Sursum Corda!

BIBLIOGRAFIA

- Tasso Fragoso*: História da Guerra Entre a Triplíce Aliança e o Paraguai Vols. IV e V;
Ouro Preto: A Marinha d'Outroza;
F. F. Pereira da Costa: História da Guerra do Brasil Contra as Repúblicas do Uruguai e do Paraguai;
 Vol. IV;
Pedro Calmon e outros: História das Américas;
A. Rossari: Guerra del Paraguai;
Rio Branco (Barão): Efemérides Brasileiras;
A. de Vasconcelos: Efemérides Navais Brasileiras;
H. Boiteux: O Marquês de Tamandaré;
L. Scavarda: Centenário da Passagem de Humaitá;
Pinto Bravo: Curso de História Naval;
Inhaúma (Visconde): Ordens-do-Dia;
S. D. G. M.: Subsídios para a História Marítima do Brasil;
Coelho Neto: Conferências;
Smile: O Dever

**NAVIOS DE GUERRA DO BRASIL QUE PARTICIPARAM
 DAS CAMPANHAS CONTRA AS REPÚBLICAS DO URUGUAI E DO PARAGUAI
 SEGUNDO F. F. PEREIRA DA COSTA**

<i>Tipo de Navio</i>	<i>N.º de Peças</i>	<i>Guarnição</i>
<i>Corvetas:</i>		
Brasil	8	160
Bahia	2	108
Colombo	8	134
Cabral	8	134
Herval	3	128
Lima Barros	8	130
Mariz e Barros	4	123
Silvado	4	130
Barroso	6	125
Rio de Janeiro	6	101
Tamandaré	6	101
<i>Monitores:</i>		
Alagoas	1	37
Ceará	1	37
Piauí	1	37
Rio Grande do Sul	1	37
Santa Catarina	1	37
Pará	1	37
<i>Navios de madeira, a vapor</i>		
<i>Fragata:</i>		
Amazonas	7	214
<i>Corvetas:</i>		
Niterói	24	318
Belmonte	6	150
Parnaíba	6	150
Jequitinhonha	8	130
Beberibe	8	136
Magé	8	130
Paraense	4	165
Recife	4	116

<i>Canhoneiras</i>	<i>N.º de Peças</i>	<i>Guarnição</i>
Araguari	4	118
Araguaí	5	118
Itajaí	6	118
Mearim	7	118
Iguatemi	5	118
Ivaí	6	118
Ipiranga	7	121
Maracanã	3	90
Taquari	2	64
Henrique Martins	4	64
Greenhalgh	2	64
Vidal de Negreiros	1	50
Fernandes Vieira	1	64
Felipe Camarão	2	64
Henrique Dias	2	64
Tramandaí	2	64
Chuí	1	47
Lindóia	2	29
General Osório	2	20
Onze de Junho	—	20
<i>Transportes a Vapor:</i>		
Princesa		86
Apa		80
Isabel		91
Leopoldina		91
Marcílio Dias		91
Werneck		91
Bonifácio		91
Vassion		91
<i>Navios de Vela</i>		
Corveta Bahiana	23	218
Patacho Iguassu	4	52
<i>Canhoneiras:</i>		
Pedro Afonso	1	40
Forte de Coimbra	1	40
Vapor Lamego	1	64
Lanchas — 10	—	—

Dêsses navios dois perderam-se na Campanha do Paraguai: a Corveta *Jequitinhonha*, encalhada no combate de Riachuelo e o *Rio de Jansiro*, que foi atingido por uma mina no combate de Curuzu.

De 4 de agosto de 1864, data em que começou a Campanha Oriental até 31 de março de 1870, as perdas, por morte, em pessoal da nossa Esquadra totalizaram 1727, assim discriminados:

— em combate-ferimentos-explosão de minas	— 170
— diversos accidentes	— 107
— por moléstias	— 1450

Total 1727